

655:336.41(679)

SOM
e. 2

GGst-179
65-124



A Indústria Gráfica na Cidade de Maputo

Impacto das Tarifas Alfandegárias e dos Constrangimentos na Utilização da Capacidade

Xavier F. Sumbane

Maputo, 2004

Trabalho de Licenciatura em Economia
Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Economia
Maputo, Moçambique

D. E. M. - ECONOMIA	
R. E.	29237
DATA	21 / 01 / 05
ADQUIÇÃO	oferta
COTA	

Índice

	Pág.
Prefácio	v
Sumário	vi
Introdução	1
Relevância do trabalho	1
Contextualização	2
<i>Estrutura da indústria gráfica</i>	2
<i>Organização da indústria gráfica</i>	3
<i>Políticas adoptadas</i>	4
Questões a estudar	6
Metodologia	6
<i>Medição do nível da utilização da capacidade</i>	6
<i>Constrangimentos</i>	9
<i>Matéria-prima barata mas não importada. Porquê?</i>	10
<i>Impacto do regime fiscal alfandegário na capacidade desta indústria</i>	
<i>fornecer os mercados local e externo</i>	12
➤ <i>Taxa efectiva de protecção</i>	12
➤ <i>Taxa de promoção de exportações</i>	13
Constrangimentos na utilização da capacidade da indústria gráfica na Cidade de Maputo:	14
• <i>Taxa de utilização da capacidade</i>	14
• <i>Constrangimentos na utilização da capacidade</i>	15
• <i>Estoques de mercadorias</i>	17
O que desencoraja as fábricas importarem directamente a matéria-prima e outros materiais	17
• <i>Comparação dos preços de matérias-primas importadas e compradas localmente</i>	17
• <i>Processo de desalfandegamento das mercadorias</i>	18
• <i>Escoamento de mercadorias dos armazéns alfandegários para a fábrica</i>	19
• <i>Inspeccionamento de mercadoria importada</i>	20

O Impacto do regime fiscal alfandegário na utilização da capacidade da indústria gráfica para abastecer os mercados local e externo	21
• <i>Efeitos do regime fiscal alfandegário na capacidade da indústria gráfica</i>	22
▪ Taxa efectiva de protecção	22
▪ Taxa para promoção de exportações	24
▪ <i>Conclusões</i>	26
Vantagens e desvantagens de usar papel vegetal, filme e ambas as tecnologias	27
Conclusões	28
Recomendações	29
Anexos	31
Referências	50

Índice de Matrizes, Gráficos, Tabelas e Anexos

	Pág.
<i>Matrizes</i>	
I. Número médio e desvio-padrão de horas de funcionamento e percentagem de aumento da produção – taxas médias de utilização da capacidade	15
II. Vantagens e desvantagens de utilização de vegetal, filme e de ambas as tecnologias	27
<i>Gráficos</i>	
1. Estrutura da indústria gráfica (1970 – 2003)	3
2. Taxas efectivas de protecção	24
3. Taxas para promoção de exportações	24
4. Custos variáveis médios, preços unitários e preço unitário mínimo – Livro	25
5. Custos variáveis médios, preços unitários e preço unitário mínimo - Jornal	25
6. Custos variáveis médios, preços unitários e preço unitário mínimo – Caderno	26
7. Custos variáveis médios, preços unitários e preço unitário mínimo – Revista	26
<i>Tabelas</i>	
1. Constrangimentos na utilização da capacidade (médias e desvios-padrão) e número de empresas respondentes	16
2. Comparação de preços	18
3. Processo de desalfandegamento de mercadorias	19
4. Regime fiscal alfandegário nos insumos importáveis	21
5. Regime fiscal alfandegário nos produtos seleccionados importáveis – exportáveis	21
6. Taxas efectiva de protecção e promoção de exportações	23
<i>Anexos</i>	
I. Posição actual de cada empresa (número de trabalhadores, dias de trabalho, horas, turnos ...)	31
II. Utilização da capacidade na indústria gráfica, Cidade de Maputo – taxa de utilização da capacidade	32
III. Constrangimentos na utilização da capacidade da indústria gráfica	33
IV. Constrangimentos na utilização da capacidade – posição de estoques na indústria gráfica	34
V. Comparação de preços médios de compras locais e de importação	35
VI. Custos variáveis totais, custos médios, preços médios e preços mínimos	36
VII. Impacto das tarifas alfandegárias na indústria gráfica (Livro)	37
VIII. Impacto das tarifas alfandegárias na indústria gráfica (Jornal)	38
IX. Impacto das tarifas alfandegárias na indústria gráfica (Caderno)	39
X. Impacto das tarifas alfandegárias na indústria gráfica (Revista)	40
XI. Inquérito	41

Declaração

Declaro por minha honra que este trabalho é da minha autoria, resulta de uma investigação por mim feita e que nunca foi submetido a um estabelecimento de ensino para avaliação.

Maputo, 15 de Abril de 2004

O Declarante


Xavier Francisco Sumbane

O Juri

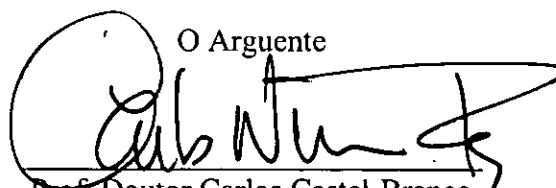
Este trabalho foi aprovado com 13 valores, por nós, membros de juri da Universidade Eduardo Mondlane.

Maputo, 15 de Abril de 2004

O presidente


Dr. Constantino Marrengula

O Arguente


Prof. Doutor Carlos Castel-Branco

O Supervisor


Prof. Doutor Peter Coughlin

À minha esposa, Manuela, e filhos: Cândido, Aristídia e Gigo

Prefácio

Elaborei este trabalho *antes* de 13 de Agosto de 2003, data de aprovação do novo regime aduaneiro para a indústria transformadora, que concede isenção de tarifas alfandegárias para as empresas grandes mediante certos condicionalismos aos empresários para poderem beneficiar desta isenção. No entanto, são de interesse histórico, porque na análise do impacto do regime fiscal alfandegário estão inclusas as grandes empresas.

Neste trabalho avaliei a taxa de utilização da capacidade, examinei os constrangimentos na utilização da capacidade, analisei o que desencoraja as fábricas importarem directamente a matéria-prima, e o impacto do regime fiscal alfandegário na utilização da capacidade da indústria gráfica para abastecer os mercados interno e externo. Os resultados deste trabalho são úteis para reflexão em como capacitar esta indústria para responder qualitativamente a procura interna e externa.

Endereço os meus agradecimentos pelo apoio que me foi prestado ao longo da minha pesquisa nas unidades industriais inclusas neste trabalho às direcções da Académica, Artes e Letras, Brithol, CEGRAF, Ciedime, EMOL, Globo, Grafiduba, Gráfica Moderna, Imprensa Nacional, Imprensa Universitária, Luz Gráfica, Minerva Central, Moçambique Gráfica, Notícias, Spanos Gráfica, Tempográfica, Tipografia ABC, Tipografia Apolo e TIPSET-Offset, ao Despachante Oficial Arnaldo N. Guibunda e aos demais que directa ou indirectamente contribuíram para o sucesso deste estudo.

Pela grande paciência e sugestões que me permitiram melhorar e desenvolver o estudo, estou plenamente em dívida ao Professor Doutor Peter Coughlin, meu supervisor.

Sumário

A estrutura da indústria gráfica em Moçambique, até Maio de 2003, era de 86 empresas, o dobro do que existia em 1988. A Cidade de Maputo ocupa primeiro lugar com 65 unidades industriais que representam 76%, segundo dados preliminares do Instituto Nacional de Estatística (INE). No conjunto dessas unidades industriais estão incluídas as editoras e serigrafias que não imprimem, devido à classificação de actividades económicas (CAE) vigente. No levantamento efectuado no terreno, apurei que existem 38 unidades industriais que imprimem, na Cidade de Maputo, estando 6 associadas e 1 por arrancar. Neste contexto, contactei 31 empresas das quais 20 aceitaram entrevistas e responderam ao inquérito.

As políticas adoptadas, nos anos de 1975-1986 e de 1987 até ao momento, pouco beneficiaram a indústria gráfica nos investimentos em equipamento e em capital humano, o que pode ter contribuído para a fraca competitividade com o exterior. A adopção do novo regime fiscal alfandegário não beneficia o desenvolvimento da indústria, pois os condicionalismos impostos para obtenção do benefício fiscal aos insumos importados discriminam as pequenas e médias unidades industriais e, até certo ponto, mesmo as grandes, porque a manutenção da facturação anual de seis milhões de contos, que é um dos condicionalismos, depende da procura e enquanto não se corrigirem os constrangimentos inerentes à produção do livro, caderno e de outros produtos importáveis, a indústria terá sempre dificuldades. Todos os insumos importáveis para a produção do **livro, revista, jornal e caderno, produtos seleccionados para o estudo**, pagam tarifas que variam de 2.5% a 25%, 17% do IVA e emolumentos gerais aduaneiros. E os produtos finais importáveis e exportáveis, o livro e o caderno estão isentos de tarifas e do IVA enquanto que o jornal e a revista pagam 2,5% mas não pagam o IVA e não têm tarifas ou subsídios para exportações (*Tabelas 4 e 5*).

Para avaliar a utilização da capacidade, os constrangimentos na utilização da capacidade, o que desencoraja a indústria importar directamente os insumos e o impacto do regime fiscal alfandegário na utilização da capacidade da indústria gráfica para abastecer os mercados local e externo, calculei e analisei

- i. a taxa de utilização da capacidade;
- ii. os constrangimentos na utilização da capacidade;
- iii. os motivos que desencorajam a indústria gráfica importar a matéria-prima directamente; e
- iv. o impacto do regime fiscal alfandegário na utilização da capacidade da indústria gráfica para abastecer os mercados local e externo.

A utilização da capacidade e a protecção industrial têm sido objectos de intensos estudos. Os objectivos desses estudos são para avaliar o grau de utilização da capacidade e o impacto do regime fiscal alfandegário na matéria-prima importável para a produção e nos produtos finais importáveis e exportáveis. Para avaliar a utilização da capacidade na produção e o impacto do regime fiscal alfandegário, os pesquisadores têm utilizado os seguintes instrumentos de medição: (i) taxa de utilização da capacidade (TUC); (ii) taxa efectiva de protecção (TEP); e (iii) taxa de promoção de exportações (TPX).

Recolhi os dados com base em entrevistas e inquéritos junto das unidades industriais. Efectuei os cálculos das TUC, TEP e TPX com base nas médias de tempo de funcionamento e da estrutura de custos da indústria gráfica na Cidade de Maputo.

Taxa de Utilização da Capacidade

Embora a indústria gráfica possa trabalhar 168 horas/semana, normalmente ela não trabalha na madrugada para não prejudicar a qualidade do produto. Há directores de unidades industriais que afirmam que, se não tivessem outros constrangimentos, a sua maquinaria tem a capacidade de responder à procura com o tempo que actualmente utiliza de 40 horas por semana, sem ocupar sábados e domingos. Outros afirmam que poderão trabalhar 60 horas por semana, sem incluir o fim de semana; outros afirmam que podem trabalhar 120 horas. Somente um director que afirmou que pode trabalhar 144 horas por semana e dois directores que afirmaram que as suas fábricas podem trabalhar 168 horas por semana.¹ Por isso, supõe-se que o número máximo de horas por semana são 112, e.g., 7 x 16 horas diárias. **A taxa de utilização da capacidade (TUC) é 47%. No entanto, se os insumos e a procura não forem constrangimentos, mantendo os mesmos factores e horas de produção, a taxa de utilização da capacidade será 31%. E, se os gestores da indústria puderem também aumentar a mão-de-obra, mantendo a mesma maquinaria, turnos e horas, a taxa de utilização da capacidade baixará para 29% (Matriz I e Anexo II).**

Portanto, a taxa de utilização da capacidade é abaixo de 50%, devido, principalmente à falta de encomendas, **insuficiência de capital** e concorrência externa, o que prejudica esta indústria.

Constrangimentos na Utilização da Capacidade

Segundo informações obtidas junto dos directores de produção os factores que mais constroem a utilização da capacidade são (*Tabela I e Anexo III*):

Do lado da oferta

Nos insumos

- outros constrangimentos, e.g., fornecedores sem estoques de matéria-prima;
- oferta inadequada de força-de-trabalho treinada correctamente;
- capital insuficiente.

No processo

- inabilidade de usar o turno nocturno devido à falta de transporte/segurança;
- paragens frequentes de maquinaria.

Do lado da procura:

Na procura doméstica

- falta de encomendas;
- preconceitos dos consumidores contra os produtos nacionais;
- concorrência com os importadores comerciais que fogem ao fisco;
- concorrência com importadores comerciais que pagam tarifas.

Na procura internacional

- concorrência nos preços internacionais.

¹ Entrevistas efectuadas a 20 directores de empresas contactadas.

Existem roturas de estoques cujos motivos foram: a) rotura de estoques dos fornecedores; e b) insuficiência de capital para compra de insumos (*Anexo IV*).

Motivos que Desencorajam a Indústria Gráfica Importar Directamente a Matéria-Prima

Será que é o problema dos preços de compra de insumos que desencoraja as fábricas importarem directamente? Será que a demora no desalfandegamento, a corrupção nas alfândegas e falta de confiabilidade implicam custos extras que afectam a viabilidade de importar a matéria-prima directamente em vez de adquiri-la através de grossistas? Será que é o escoamento de mercadorias dos armazéns alfandegários para as fábricas que desencoraja a elas importarem directamente? Para estudar estas questões: comparei os preços de compra de matéria-prima local e do exterior; analisei o processo de desalfandegamento das mercadorias; avaliei os custos extras; e analisei o escoamento de mercadorias dos armazéns alfandegários para as fábricas.

Os preços médios de compra de matéria-prima ao grossista (cif + tarifas alfandegários + emolumentos gerais aduaneiros + IVA + margem de comercialização) são altos em relação aos preços médios de importação directa de matéria-prima, variando de 15,2% a 134,4% acima dos preços de importação (cif + tarifas alfandegários + emolumentos gerais aduaneiros + IVA). Por isso, não são os preços de importação de matéria-prima que inviabilizam as fábricas importarem directamente a matéria-prima (*Tabela 2 e Anexo V*).

A demora no desalfandegamento das mercadorias depende da organização dos documentos necessários. Normalmente, em média demora três dias; no mínimo, dois dias; e no máximo, sete dias. Existe rapidez e simplicidade no desembaraço dos insumos. Em geral, os custos extras incorridos por burocracia das alfândegas são mínimos. Também não é o desalfandegamento das mercadorias que desencoraja as fábricas importarem directamente os insumos (*Tabela 3*).

A demora da chegada de mercadoria na fábrica depende do meio de transporte que usou para sua importação. Há três meios de transporte que se utilizam: *via terrestre*, logo que a mercadoria é despachada pelas alfândegas é transportada para a fábrica no mesmo dia e leva uma a quatro horas, dependendo do tráfego na Cidade de Maputo; *via marítima*, após o desembaraço alfandegário, o escoamento de mercadoria leva um a quatro dias e normalmente dois, devido à fraca frota apropriada para transportar contentores na Cidade de Maputo; *via aérea*, após o desembaraço alfandegário, o escoamento de mercadoria para a fábrica leva um a quatro dias. No entanto, não é o escoamento de mercadoria dos armazéns das alfândegas para as fábricas que inviabiliza as fábricas importarem directamente os insumos.

Portanto, as fábricas, segundo os directores das unidades industriais, não importam directamente por causa de **insuficiência de capital e dificuldades de obtenção de crédito bancário e então a necessidade de comprar em pequenos lotes** para investir em meios circulantes materiais para a produção e manutenção de estoques de matéria-prima de, pelo menos, dois a três meses.

Impacto do Regime Fiscal Alfandegário na Utilização da Capacidade da Indústria Gráfica Abastecer os Mercados Local e Externo

Com base nas taxas efectivas de protecção e taxas de promoção de exportações medi o impacto do regime fiscal alfandegário segundo as definições de Balassa (1972), Coughlin (2001:29) e Steel (1972:259).

Segundo a teoria de a_{ij} deve se utilizar os coeficientes dos preços internacionais. Como não os temos, estamos a utilizar os a_{ij} que cobrem os preços domésticos, para calcular as TEP e as TPX, supondo que estes serão os mais eficientes.

Taxas Efectivas de Protecção (TEP)

Para calcular as TEP utilizei dois cenários: primeiro, com IVA reembolsado; e o segundo, com IVA não reembolsado.

Com IVA reembolsado

- As taxas efectivas de protecção são negativas, para o livro, caderno e revista, variando de -0.4% a -10.5%, como consequência dos valores acrescentados domésticos (VA_d), depois de pagos os impostos e outras imposições alfandegárias, serem baixos em relação aos internacionais (VA_w). Há discriminação contra esta indústria. Isto acontece porque os insumos importáveis pagam tarifas alfandegárias, enquanto o livro e caderno estão isentos de tarifas alfandegárias e a revista paga tarifas alfandegárias irrisórias (2.5%) (*Tabela 6, Anexos VII a X*).
- para o jornal a TEP é positiva (+0.5%), como consequência do (VA_d) ser relativamente alto em relação ao (VA_w). A protecção é irrisória a esta indústria, porque os insumos importáveis pagam tarifas alfandegárias enquanto o jornal paga tarifas alfandegárias irrisórias (2.5%). Esta protecção simbólica deve-se, principalmente, ao facto de o maior volume de matéria-prima que é usada para produzir o jornal ser o papel e este pagar tarifas alfandegárias muito baixas (2.5%).

Com o IVA não reembolsado

- as TEP para o livro, jornal, caderno e revista são negativas, variando de -22.3% a -51.9%, como consequência dos baixos (VA_d) em relação aos (VA_w). Isto acontece porque os insumos importáveis para produção destes produtos pagam direitos, emolumentos gerais aduaneiros e o IVA, enquanto o livro e o caderno estão isentos de tarifas aduaneiras e do IVA e o jornal e a revista pagam direitos aduaneiros irrisórios (2.5%) e não pagam o IVA. Por isso a indústria gráfica é fortemente discriminada (*Tabelas 4, 5 e 6, Anexos VII a X*).

Teoricamente o IVA pago nos insumos para a produção não é considerado nos custos de produção na indústria porque é reembolsado para a fábrica pelo governo. Mas na prática não é reembolsado porque os produtos básicos desta indústria (livro, jornal, caderno e revista) estão isentos do IVA e o reembolso é feito através do IVA cobrado nas vendas doutros produtos e que nunca cobre o IVA pago nos insumos usados para produção destes produtos. Neste contexto, as políticas governamentais prejudicam fortemente a indústria.

Taxa para Promoção de Exportações (TPX)

Para calcular as TPX utilizei, também, dois cenários: primeiro, com IVA reembolsado; e o segundo, com IVA não reembolsado.

Com IVA reembolsado

- Todas as TPX são negativas para o livro, jornal, caderno e revista, variando de -6.0% a -10.5%, como consequência dos (VA_d) serem baixos em relação aos

(VA_w). Há desincentivo contra exportações desta indústria. Isto acontece porque os insumos importáveis pagam tarifas alfandegárias e estas não serem reembolsados.

Com o IVA não reembolsado

➤ As TPX para o livro, jornal, caderno e revista são negativas, variando de -27.9% a -51.9%, como consequência dos valores acrescentados domésticos serem negativos e extremamente baixos em relação aos valores acrescentados internacionais. Há desincentivo para promoção de exportações a esta indústria e é extremamente agravado pelo facto de não serem reembolsadas as tarifas alfandegárias e o IVA (*Tabela 6, Anexos VII a X*).

Como, na prática, não há reembolso do IVA pago na aquisição dos insumos para produção desta indústria, agravando-se ao facto de não haver reembolso das tarifas alfandegárias, esta indústria é ainda mais grandemente desincentivada para produção destes produtos para exportação (*Tabela 6, Anexos VII a X*).

Conclusões

Há discriminação contra esta indústria, o que é agravado pelo facto de não se reembolsar o IVA, porque os produtos básicos estão isentos deste imposto, embora o jornal tenha uma protecção irrisória (+0.5%) quando o IVA é reembolsado.

Até recentemente, as políticas governamentais prejudicam o desenvolvimento desta indústria. O novo regime aduaneiro beneficia as grandes empresas, mas ainda prejudica as pequenas e médias empresas.

Há desincentivo contra as exportações desta indústria. As políticas governamentais não prevêem subsídios para promoção de exportações. Esta situação é extremamente agravada por não reembolsar o IVA cobrado nos insumos para produção.

Toda a matéria-prima importável para a produção do livro, caderno, jornal e revista paga o IVA, mas os produtos finais estão isentos do IVA. O critério do reembolso do IVA pago na importação da matéria-prima consiste na dedução do IVA que a indústria deve pagar nesse período. Como estes produtos estão isentos do IVA, esta operação é feita através doutros produtos que pagam o IVA, e, segundo os entrevistados, não cobre o IVA pago na importação de insumos para produção destes produtos, mantendo-se o governo devedor da indústria. A indústria fica prejudicada porque perde o custo de oportunidade, dado que o valor pago é reembolsado sem juros e, a demora pode ser muito longa.

Introdução

“Será que o declínio da produção” das gráficas “a partir de 1989 reflecte insuficiente resposta esperada do sector às medidas de ajustamento estrutural, tendo em conta a sua estrutura produtiva? A resposta a esta pergunta requereria uma análise da estrutura da indústria gráfica e do processo dinâmico da sua formação e reprodução” (Castel-Branco 1994:87).

A indústria gráfica foi instalada no século XVI em Moçambique para substituir as importações¹. Primeiramente, produzia magazines e boletins oficiais e na primeira metade do século XX, começou a produzir material escolar e de escritório, segundo os entrevistados.

Após a independência o estado da indústria gráfica foi influenciado por duas estratégias diferentes:

- a) de 1975 a 1986, na alocação de recursos por via da planificação centralizada, com o Estado como centro de acumulação e novos investimentos de raiz como prioridade, os problemas de oferta e procura não se fizeram sentir, porque o governo apoiava e orientava a oferta e a procura; e
- b) de 1987 até à data, na liberalização das operações dos mercados e na privatização das empresas estatais e intervencionadas, com o sector privado como centro de acumulação e investimentos na reabilitação do parque industrial como prioridade, os problemas de oferta e procura começaram a se sentir. A oferta depende das capacidades financeiras de cada unidade industrial e os gostos e preferências dependem dos consumidores que constituem a procura.

Neste trabalho analisarei: (i) a utilização da capacidade; (ii) os constrangimentos na utilização da capacidade; (iii) o que desencoraja a indústria gráfica importar os insumos directamente; e (iv) o impacto do regime fiscal alfandegário na capacidade desta indústria abastecer os mercados local e externo. O trabalho focalizará a indústria gráfica na Cidade de Maputo.

Relevância do Estudo

O estudo poderá permitir: (i) ao governo, tomar as decisões apropriadas no regime fiscal alfandegário para os insumos importáveis para produção; formular políticas que contribuam para o desenvolvimento da indústria gráfica; e (ii) à indústria, desenhar estratégias para suprir os constrangimentos que enfrenta, principalmente as de concorrência com o mercado externo, falta de encomendas, oferta inadequada de força de trabalho e insuficiência de capital.

¹ A data exacta do início da arte de imprimir em Moçambique não está bem clara, mas presumo que tenha começado no século XVI, porque em “1954” celebrou-se o quarto centenário da indústria. Primeiramente, produzia jornais e boletins oficiais e, segundo os entrevistados, na primeira metade do século XX, a indústria gráfica passou a produzir também artigos escolares e material de escritório em substituição de importações (Dias 1954:9 e Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura 1980?:885-7)

Contextualização

A arte de imprimir começou a desenvolver-se com *Guttemberg*, no século XV. A indústria gráfica surge das artes gráficas² que consistem na transmissão, escrita ou por imagem, de ideias, cobrindo as actividades de informação e de formação. (Marchetti 1973:11).

A industrialização das artes gráficas iniciou no século XVIII, era da mecanização, que permitiu a independentização e industrialização de muitas actividades anteriormente dependentes e artesanais, não só na impressão propriamente dita como também em operações de preparação (desenho, fotografia, composição, preparação de formas, etc.) ou mesmo em operações de acabamento (corte, dobra, brochura, encadernação, etc.)” (Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura 1980:885-7).

A primeira unidade industrial, em Moçambique, foi a Imprensa Nacional que, primeiramente, foi instalada na Ilha de Moçambique no século XVI³ e tinha como funções principais a impressão e publicação do boletim oficial e outros periódicos. Mais tarde foi transferida para Maputo, nos princípios do século vinte. Em 1917 surgiram mais duas empresas gráficas: Empresa Tipográfica de Lourenço Marques e Empresa Tipográfica Portuguesa de Lourenço Marques. Na primeira metade do século XX instalaram-se mais empresas gráficas: Minerva Central, Empresa Moderna (EMOL), Académica, Artes Gráficas, Tempográfica, Notícias, Diário da Beira, entre outras. Estas empresas produziam livros, revistas, jornais e diverso material de artes gráficas que era importada. Portanto, funcionava como *indústria de substituição de importações*.

Estrutura da Indústria

As estatísticas industriais de 1970, da Direcção Provincial dos Serviços de Estatística/INE-Delegação de Moçambique, indicam que no país, com excepção da província de Niassa que não tinha empresa gráfica, existiam “47 empresas gráficas” e a cidade de Maputo ocupava primeiro lugar com “23 gráficas”, seguindo as cidades da Beira e Província de Nampula com “7 e 5 gráficas”.

Segundo a idealizada Unidade de Direcção da Indústria Gráfica (UDIG) a indústria gráfica, até 1988, decresceu de 47 para 43 empresas gráficas, devido ao abandono dos donos das gráficas. A maior parte das gráficas ficou nas mãos dos trabalhadores e geridas pelas comissões administrativas e outras foram intervencionadas. A cidade de Maputo continuou líder com 23 empresas gráficas em 1988, seguida de Sofala e Nampula com 6 e 4 empresas gráficas (UDIG 1988:2).

Segundo dados preliminares do INE, o país possui 86⁴ empresas, o dobro do que existia em 1988. Na classificação dos estabelecimentos industriais⁵, seguida por INE, existe 1 gráfica grande, 4 médias e 81 pequenas.

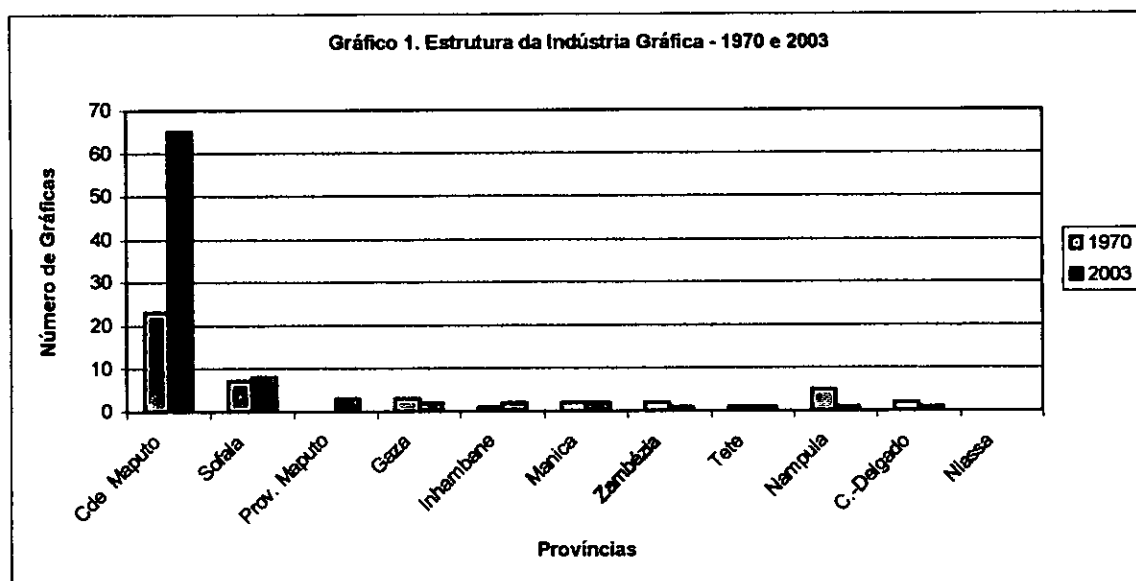
² Artes gráficas ao conjunto de processos e actividades subsidiárias que visam reproduzir qualquer número de cópias escritas ou imagens, mediante uma chapa ou matriz mecanicamente impressa (Vilela 1978:16).

³ Em Moçambique no ano de “1954” celebraram-se “quatro centenários” de existência da imprensa (Dias 1954:9).

⁴ Entrevistado Cirilo Tembe, do INE, informou que nas 86 unidades industriais no país, incluíram-se as editoras e serigrafias consoante a classificação das actividades económicas (CAE) vigente.

⁵ A classificação dos estabelecimentos industriais do INE baseia-se no capital social (nº de trabalhadores). A do Ministério da Indústria e Comércio acrescenta o investimento inicial (USD) e a potência instalada (KVA).

- A Cidade de Maputo tem 65 unidades industriais, continuando líder com 76% do total da indústria gráfica no país. No trabalho que efectuei no terreno, em Maio de 2003, apurei 38 unidades industriais que imprimem, estando seis associadas e uma produz para abastecer o seu estabelecimento. Existem 1 empresa grande, 4 médias e 60 pequenas. E segundo a classificação do Ministério da Indústria e Comércio/DNI existem 11 gráficas grandes, 3 médias e 4 pequenas. Das 20 unidades industriais entrevistadas, para o presente estudo, existem 1 empresa grande, 3 médias e 16 pequenas.
- Com excepção da Cidade de Maputo todas as províncias têm empresas gráficas pequenas (Gráfico 1).



Organização da Indústria Gráfica

Em 28 de Maio de 1957, criou-se o Grémio dos Industriais Gráficos em Moçambique e aprovaram-se os estatutos do mesmo, através da Portaria nº 12002, que representava os interesses comuns dos associados e exercia funções de interesse público colaborando com o Estado e outros organismos no estudo dos problemas que diziam respeito à actividade dos agremiados ou que com ele directamente se relacionassem. Desenvolvia a sua acção no plano nacional, possuindo personalidade jurídica com património próprio e com a sua sede em Maputo.

Em 18 de Junho de 1960, aprovou-se o Regulamento Gremial do Exercício da Actividade Comercial dos Industriais Gráficos, através da Portaria nº 14043, para a

Categoria	Investimento inicial (USD)	Potência instalada (KVA)	Nº de trabalhadores
Grande	>10.000.000	>1.000	>250
Média	>2.500.000	>500	>125
Pequena	≤2.500.000	≤500	≤125

harmonização da disciplina das actividades económicas previstas no Decreto-Lei nº 41204, de 1957. Em 18 de Setembro de 1962, esta portaria foi revogada através da Portaria nº 16347 para disciplinar as actividades económicas dos industriais gráficos associados e não associados a este organismo.

O Decreto-Lei nº 41204, de 24 de Julho de 1957, previa sanções contra a saúde pública e infracções antieconómicas que incluíam também os industriais gráficos.

O Grémio dos Industriais Gráficos de Moçambique funcionou até 1975. A partir deste período até Junho de 2000, não havia associação neste sector da indústria.

Em Julho de 2000 constituiu-se a Associação dos Industriais Gráficos de Moçambique (AIGM), através do Despacho do Ministro de Justiça, de 21/7/2000, **para promover, proteger e desenvolver a indústria gráfica em Moçambique**. E dentre os objectivos específicos destacam-se as de:

- desenvolver a solidariedade entre os industriais gráficos para o estudo e resolução dos problemas da actividade que exercem;
- **promover uma concorrência leal e sã entre os membros e contribuir no combate ao exercício ilegal ou irregular da actividade gráfica;**
- promover o investimento no sector gráfico nacional em coordenação com instituições do governo vocacionadas.

A AIGM carece de regulamentos para solucionar os constrangimentos que os seus associados possam ter. Foi com base nos princípios regulamentados que o Grémio dos Industriais Gráficos em Moçambique funcionava e era como um “oligopólio de produtos diferenciados” (Sousa 1988:259).⁶

Políticas Adoptadas

De 1975 a 1986 o país seguiu a estratégia de *economia centralmente planificada* e, de 1987 até ao momento, a *economia de mercado*. As políticas adoptadas foram:

1975-1986

- **Intervencionamento de Empresas.** Através do Decreto-Lei nº 16/75, o governo regulamentou o intervencionamento das empresas abandonadas e criação das comissões administrativas para geri-las.
- **Formação de Recursos Humanos.** Em 1978, o governo providenciou cursos de formação profissional para capacitar os recursos humanos na utilização e gestão da produção. Criou o Gabinete da Indústria Gráfica e Fotográfica, que se encarregou das empresas gráficas do país e de elaborar programas de formação para a composição, impressão e encadernação. Criou-se a Escola Nacional de Artes Visuais em 1983 que, entre outros, ensina o curso de técnicos gráficos.

⁶ Oligopólio de produtos diferenciados, quando as empresas oligopolistas diferenciam os seus produtos afim de criarem uma procura que lhes seja especificamente dirigida (Sousa 1988:259).

- **Centralização de Tomada de Decisões das Unidades de Produção.** Em 1978, o governo idealizou a criação da Unidade de Direcção da Indústria gráfica, que tinha a sua sede na Empresa Moderna, na Cidade de Maputo.
- **Plano Prospectivo Indicativo (PPI).** Para a indústria tinha como objectivo “repor os níveis de produção de 1973; e desenvolver a indústria básica de modo a alterar a estrutura industrial subdesenvolvida do país”. Por causa da estrutura industrial herdada do colonialismo, o plano estava mais virado para o mercado doméstico (*Castel-Branco, 1994:97*).

1987 até o presente momento.

- **Programa de Reabilitação Económica e Social (PRES).** “Para a indústria transformadora tinha os objectivos de: atingir, em 1990, os níveis de produção e de exportação de 1981 nos ramos considerados prioritários; alterar o ambiente para o desenvolvimento industrial, liberalizando-o e privatizando as empresas e estabelecimentos industriais; e lançar as bases para uma política industrial virada para um desenvolvimento equilibrado e competitivo para o futuro” (*Castel-Branco, 1994:117*).
- **Reestruturação de Empresas.** Não tendo se chegado a oficializar a criação da Unidade de Direcção da Indústria Gráfica, abandonou-se esta ideia após a entrada do Programa de Reabilitação Económica e Social (PRES) e privatizaram-se as empresas estatais gráficas.
- **Política e Estratégia Industrial.**⁷ Esta política foi aprovada em 1997 e tem como objectivos: “a) apoiar a valorização dos recursos naturais; b) contribuir para o equilíbrio das trocas com o exterior; c) participar na satisfação das necessidades básicas; d) *promover o desenvolvimento de tecnologias* que privilegiem o uso intensivo da mão-de-obra”. No que concerne às indústrias das artes gráficas, do papel e da edição de publicações, esta política prevê “a reabilitação e modernização do seu parque industrial [que] exige investimentos a considerar dentro de medidas a tomar a curto e médio prazos para tornar o sector eficiente e capaz de refrear a grande *drenagem* de divisas para o exterior” (Moçambique, Resolução 23/97 :4,8).
- **Política Fiscal Aduaneira.** Aprovou-se o regulamento do regime fiscal aduaneiro para a indústria transformadora através do Diploma Ministerial nº 99/2003, em 13 de Agosto. Concede benefício fiscal na aquisição de matéria-prima e outros materiais para produção a “empresas que demonstram e assumam o compromisso de manter a facturação anual de valor não inferior a seis biliões de meticais” e que “o valor acrescentado ao produto final corresponda a um mínimo de 20%”. O cálculo do valor acrescentado exclui “os custos relativos ao transporte não associado à produção, distribuição e IVA dedutível”. Quem se beneficiar deste regime especial deverá prestar “uma garantia que cubra a receita em risco”. Este regime, com estes

⁷ A política e estratégia industrial é o conjunto de princípios que visam impulsionar o desenvolvimento da indústria com vista a estimular a produção de bens para responder às necessidades do mercado interno e para exportação.

condicionalismos cria barreiras ao desenvolvimento e entrada de pequenas e médias empresas, porque a manutenção da facturação de seis biliões de meticais por ano requer que tenha procura suficiente e com mínimos constrangimentos na produção.

Questões a Estudar

O estudo analisará os factores que afectam a utilização da capacidade da indústria gráfica, o fornecimento dos mercados local e internacional e incidirá na cidade de Maputo. A análise focalizará:

1. Qual é o nível de utilização da capacidade nesta indústria? ✓
2. Quais são os maiores constrangimentos na utilização da capacidade? ✓
3. Porquê as fábricas não importam directamente a matéria-prima e outros insumos para produção, mesmo quando estão mais baratos do que os conseguíveis dos fornecedores locais? ✓
4. Qual é o impacto do regime fiscal alfandegário na capacidade desta indústria para fornecer o mercado local e exportação? ✓

Metodologia

A metodologia para estudar o nível de utilização da capacidade nesta indústria, os maiores constrangimentos na utilização da capacidade, o que desencoraja as fábricas importarem directamente, e o impacto do regime fiscal alfandegário na capacidade desta indústria para fornecer o mercado local e exportação, está descrita nos passos a seguir.

Medição do Nível da Utilização da Capacidade

Quanto aos maiores constrangimentos na utilização da capacidade, será primeiro necessário consultar as fábricas sobre o nível da utilização da capacidade. Com base nos dados recolhidos será possível calcular a taxa de utilização da capacidade e avaliar as causas da fraca utilização dessa capacidade que podem ser do lado da oferta ou da procura. Sobre o cálculo da taxa de utilização da capacidade instalada, são vários os métodos, destacando-se os de Bautista (1981) e de Coughlin (2001), que se baseiam em ajustes no tempo de funcionamento num período, e.g., de uma semana ou de um mês.

Bautista (1981:18-20). No seu estudo sobre os *determinantes da utilização do capital* define "a utilização do capital como sendo a *relação* com o modo como o capital fixo é usado juntamente com os outros *inputs* na produção". Para ele, "existem seis formas de definição da utilização de capital [capacidade instalada], que são:

Definições	Vantagens	Desvantagens
U_1 = o tempo actual de utilização de capital, definido como o peso médio da taxa de utilização seccional, onde os pesos são parte seccional do total dos serviços do capital.	Conhecer as capacidades seccionais.	Nem todas as unidades industriais têm gestores com alta capacidade e especialização para estimar este tempo em secções.
U_2 = é definido como o tempo actual ajustado e a intensidade de utilização do capital.	Conhecer a taxa de utilização da capacidade com a intensificação da utilização da capacidade.	Nem todas as fábricas têm <i>staff</i> especializado para medir a intensificação da utilização do capital.
U_3 = o rácio do nível da produção actualmente realizado, Q , à capacidade de produção da fábrica, Q^* , para o período base T .	<ul style="list-style-type: none"> • Fácil obter a informação junto dos gestores de produção. • Requer que as fábricas tenham a capacidade de medir a produção durante um período base, e.g., um ano. 	Nem todos os gestores de fábricas têm a capacidade de produção definida durante um ano.
U_4 – representa uma medida indirecta do tempo de utilização desejada do capital, a qual é medida pelo rácio do tempo actual de utilização do capital para a actual utilização da capacidade do capital.	Nenhumas.	<ul style="list-style-type: none"> • É uma derivação da primeira definição com a terceira. • Não permite avaliar a taxa de utilização da capacidade.
U_5 – é a medida directa do tempo desejado para utilização do capital	Nenhumas.	Não permite avaliar a taxa de utilização da capacidade.
U_6 = tempo actual de utilização como uma proporção do tempo desejado da utilização	É idêntica à primeira definição.	A priori assume que não está a utilizar a capacidade desejada.

Fórmulas:

$$U_1 = a/T \quad (1)$$

Onde,

a = tempo actual de operação;

T = número de horas determinado durante um período dado. "Algum Período de calendário dado de, pelo menos, T horas" (Bautista 1981:18-19, tradução)

$$U_2 = (U_{1\text{ajustado}} + \text{intensidade de utilização do capital}) \quad (2)$$

$$U_3 = Q / Q^* \quad (3)$$

Este rácio é referido como *utilização da capacidade actual*.

$$U_4 = U_1 / U_3 = (a / T) / (Q / Q^*) \quad (4)$$

$$U_5 = a^* / T \quad (5)$$

onde a^* é o número (desejado) de horas da operação da fábrica que é óptimo no período de investimento.

$$U_6 = a / a^* \quad (6)$$

U_6 é idêntica à utilização de capacidade U_3 .

Coughlin (2001:14). No seu estudo sobre as indústrias têxtil e de vestuário dos países da SADC, considerou "três definições para medir a utilização da capacidade":

Definições	Vantagens	Desvantagens
CU_1 = compara simplesmente o número de horas que a fábrica funciona (H) [em relação] ao máximo considerado viável pelo gerente ou investidor (H_{max}) [para um período base, e.g., uma semana, um mês ou um ano].	Os gestores de produção têm conhecimento profundo das horas que a maquinaria funciona e pode estimar facilmente o número máximo de horas de funcionamento.	Nenhumas.
CU_2 = reduz a primeira considerando o aumento da percentagem na produção (Extra_1) que o gerente estima que pode ser alcançada com a mesma tecnologia, pessoal e horas se a procura e as vendas forem abundantes.	Sem constrangimentos nos insumos e procura, os gestores facilmente podem estimar a percentagem do aumento da produção.	Nenhumas.

Definições	Vantagens	Desvantagens
CU ₃ = assume a mesma maquinaria e horas de trabalho , mas requer que o gerente estime a percentagem extra de produção (Extra ₂) que se possa alcançar se mais mão-de-obra for disponível.	O aumento do volume de trabalho para responder à maior procura, os gestores de produção podem aumentar a mão-de-obra e estimar a percentagem do aumento da produção, o que é lhes fácil fazê-la.	Nenhumas.

Fórmulas:

$$CU_1 = H / H_{max} \quad (7)$$

$$CU_2 = CU_1 / (1 + Extra_1) \quad (8)$$

$$CU_3 = CU_1 / (1 + Extra_2) \quad (9)$$

A definição (1) de Bautista é semelhante à definição (7) de Coughlin, porque têm como base o tempo actual de utilização da capacidade e o tempo máximo. No entanto, Bautista define o tempo actual de utilização da capacidade como o peso médio da taxa de utilização seccional, onde os pesos são parte seccional do total dos serviços do capital, será que haverá capacidade e especialização do capital humano para estimar este tempo por secções? Coughlin compara simplesmente o número de horas que a fábrica funciona, actualmente, em relação ao número de horas máximo considerado viável pelo gerente ou investidor, para um período base, esta é tarefa fácil para os gestores de unidades industriais. Então, para o cálculo da taxa de utilização da capacidade, dentre as definições acima referidas, é vantajoso usar-se as definições de Coughlin, porque, sem transtornos, os gestores poderão fornecer a informação sobre o número máximo de horas estimado e o actual de funcionamento da indústria e estimar, em termos percentuais, o aumento da produção quando os insumos, a procura e a mão-de-obra não forem constrangimentos.

Constrangimentos

Como em qualquer indústria, os constrangimentos internos e externos afectam a utilização de capacidade e competitividade da indústria gráfica. Os constrangimentos podem provir do lado da oferta como do lado da procura, provocando interrupções na produção e roturas de *stocks*. A sua medição e os possíveis determinantes estão descritos a seguir.

Muitas companhias ou fábricas necessitam de melhorar a eficiência do seu *procurement* e *marketing*. Constituem determinantes de constrangimentos os factores empregues na produção, que podem criar uma rotura de *stock*. Tendo se como base o estudo feito por Coughlin (2001), os *itens* que podem causar constrangimentos na indústria gráfica são:

Oferta. “As infra-estruturas, os *inputs* e o processo” de produção podem criar constrangimentos na utilização da capacidade da indústria.

Nas *infra-estruturas* podemos destacar: (i) “oferta irregular de energia; (ii) oferta irregular de água; (iii) custos altos de transporte; e (iii) vias rodoviária e ferroviária inadequadas”.

Nos *inputs* destacam-se as seguintes variáveis: (i) “dificuldades em obter a licença de actividades; (ii) processos alfandegários morosos e pesados; (iii) oferta inadequada de força-de-trabalho treinada; (iv) desvios de peças sobressalentes e *inputs*; (v) capital insuficiente; (vi) restrições da lei de trabalho; (vii) dificuldades em importar peças sobressalentes de emergência; (viii) não competitividade devido a não isenção de tarifas; e (ix) dificuldades de obtenção de câmbios”.

No processo de produção destacam-se as seguintes variáveis: (i) “incapacidade de usar o turno nocturno devido à falta de transporte ou segurança; (ii) ineficiência do processo de produção; (iii) fraca qualidade do produto; (iv) paragens frequentes de maquinaria; (v) falta de combustível; e (vi) regulamentos ambientais” (Coughlin 2001:18).

Procura. A procura local e a procura internacional são os determinantes de constrangimentos.

não
claro

Na *procura local* as principais variáveis são: (i) “concorrência com os importadores comerciais, fugindo do fisco; (ii) concorrência com bens importados; (iii) concorrência com importadores comerciais que pagam tarifas; (iv) outros constrangimentos na cadeia de distribuição (comunicações?); (v) dificuldades de transportar a mercadoria para distribuição; (vi) preconceitos dos consumidores contra os produtos nacionais; (vii) excesso de capacidade na indústria local; e (viii) outros constrangimentos”.

Na *procura internacional* destacam-se: (i) “limitações das tarifas e quotas; (ii) concorrência na qualidade de produto a nível internacional; (iii) concorrência nos preços internacionais; (iv) contacto insuficiente com compradores e intermediários; (v) custos altos de *marketing* internacional; (vi) dificuldades de política dentro do país; e (vii) a sobrevalorização da taxa de câmbios” (Coughlin 2001:18).

Matéria-Prima Barata mas Não Importada? Porquê?

Será que a matéria-prima directamente importada pelas fábricas seria mais barata que a adquirida localmente aos grossistas? Se for, será que os problemas de demora, corrupção na alfândega e falta de confiabilidade implicam custos extras que afectam gravemente a viabilidade de importar a matéria-prima? Para analisar isso, será necessário:

- a) contactar as fábricas para comparar os custos de importação de matéria-prima e de outros materiais e os custos de insumos comprados localmente;
- b) auscultar junto das fábricas sobre o tempo e a confiabilidade da entrega atempada do desalfandegamento da matéria-prima e outros insumos;
- c) questionar junto das fábricas como procedem para que o processo demore pouco; e
- d) saber junto das fábricas os custos extras⁸ que elas incorrem devido às complicações com as alfândegas no desalfandegamento dos insumos.

Os custos dos insumos importados, adicionados os custos de seguros, transporte, taxas de desalfandegamento e outros custos normais legais e ilegais constituem os **preços de importação**, enquanto que os insumos comprados ao importador são adquiridos ao preço de importação adicionados a margem de comercialização do vendedor. Dentre muitos factores influentes no desalfandegamento destacam-se:

- a) tempo que leva para desalfandegar os insumos e outros materiais;
- b) tramitações para desalfandegar os insumos e outros materiais;
- c) “rapidez no desembaraço dos insumos”;
- d) “simplicidade no desembaraço dos insumos”;
- e) “morosidade na entrega de despachos”;
- f) “leis rígidas”;
- g) “variações imprevisíveis no tempo de entrega de despachos”; e
- h) outros. (Coughlin 2001:56).

Dentre os custos extras destacam-se:

- a) “taxas de inspecções pré-embarque” ou no desembarque;
- b) o atraso no cumprimento das obrigações para com terceiros devido ao tempo que se leva no desalfandegamento dos insumos e outros materiais;
- c) tempo que leva nas inspecções dos insumos e outros materiais; e
- d) juros de mora (Coughlin 2001:57).

⁸ Refere-se a custos na contabilidade que consistem no tempo que se leva para o desalfandegamento dos insumos e no cumprimento das obrigações para com terceiros.

Os factores e os custos extras acima referidos, combinados, terão implicações adversas para a indústria gráfica e à nação: i) as fábricas tornar-se-ão ociosas; ii) as entregas aos clientes serão morosas; iii) os clientes ficarão assustados e podem até rescindir os contratos; e iv) a fraca habilidade dos empresários para contornar os obstáculos pode contribuir para a baixa taxa de utilização da capacidade.

Impacto do Regime Fiscal Alfandegário na Capacidade desta Indústria para Fornecer os Mercados Local e Exportação

As tarifas alfandegárias podem afectar a capacidade da indústria local de abastecer os mercados interno e externo, o que pode ser provocado por: (i) uma política fiscal aduaneira que pouco beneficie a indústria gráfica nos insumos importáveis e nos produtos finais importáveis; e (ii) pela demora no reembolso do IVA pago na matéria-prima importada para produção.

A medição do impacto do regime fiscal alfandegário na capacidade desta indústria para fornecer o mercado local e exportar pode ser feita através da taxa efectiva de protecção⁹ (TEP) de importações e da taxa de promoção de exportações (TPX) com as quais se verificam os níveis da protecção e de promoção de exportações à indústria gráfica (Balassa¹⁰ 1972; Coughlin 2001; Krugman 2001; Kindleberger 1974; Salvatore 1995; Steel 1989).

Taxa Efectiva de Protecção

A taxa efectiva de protecção (TEP) “mede a percentagem diferencial do valor acrescentado doméstico (VA_{Pd}) sobre o valor acrescentado internacional (VA_{Pw}) que é permitido pela estrutura de protecção” (Steel 1989:257).

Coughlin (2001:29), no seu estudo sobre a indústria têxtil e de vestuário em Moçambique, expressou a TEP como:

$$TEP = [(valor\ acrescentado\ doméstico)/(valor\ acrescentado\ internacional)] - 1.0 \quad (1)$$

$$TEP = \{ [1.0 + t_j - \sum a_{ij}(1 + t_i)] / (1.0 - \sum a_{ij}) \} - 1.0 \quad (2)$$

onde

t_j = imposto no produto final j ;

$1 + t_j$ = preço do produto no mercado doméstico;

t_i = imposto no insumo intermediário, i (para insumos importados ou importáveis);

⁹ A taxa efectiva de protecção é aquela que permite avaliar o grau de protecção à indústria nacional.

¹⁰ Balassa (1972:426/7) definiu a TEP como sendo “o excesso percentual do preço interno da unidade do valor agregado sobre o seu preço no mercado mundial. $Z_i = (W_i - V_i) / V_i = \{ [(1 + T_i) - \sum A_{ji}(1 + T_j)] / (1 - \sum A_{ji}) \} - 1$.

$1 + t_i$ = preço do insumo no mercado doméstico; e

a_{ij} = coeficiente do insumo-produto para o insumo i a ser usado para fazer o produto j ."

Segundo as fórmulas (1) e (2) a TEP é determinada por estrutura tarifária e pela proporção do valor acrescentado no produto total com várias extensões, que contempla os impostos indirectos, os subsídios e os custos de transporte.

Se a TEP for positiva, existe protecção à indústria gráfica nacional, se for negativa, há discriminação contra esta indústria e se for igual a zero, não há protecção nem discriminação. Isto é se

$TEP > 0 \Rightarrow$ existe protecção à indústria nacional. O valor acrescentado doméstico é maior que o valor acrescentado internacional, $[1.0 + t_j - \Sigma a_{ij}(1 + t_i)] > (1.0 - \Sigma a_{ij})$.

$TEP < 0 \Rightarrow$ há discriminação contra esta indústria. O valor acrescentado doméstico é menor que o valor acrescentado internacional, $[1.0 + t_j - \Sigma a_{ij}(1 + t_i)] < (1.0 - \Sigma a_{ij})$;

$TEP = 0 \Rightarrow$ não há protecção nem discriminação a esta indústria. Neste caso, o valor acrescentado doméstico é igual ao valor acrescentado internacional, $[1.0 + t_j - \Sigma a_{ij}(1 + t_i)] = (1.0 - \Sigma a_{ij})$.

Se simplificarmos a equação 2, converter-se-á em:

$$TEP = (t_j - \Sigma a_{ij}t_i) / (1 - \Sigma a_{ij}) \quad (3)$$

Isto é importante para entender a sua comparação com a taxa de promoção de exportações a seguir.

Taxa de Promoção de Exportações

Os subsídios para as exortações dos produtos domésticos (s_j) e as taxas sobre os insumos intermediários importados (t_i) contribuem para a promoção ou não de exportações. "Os impostos a exportações, as taxas sobre os insumos que se utilizam" na produção de produtos de exportação "e a sobrevalorização do ... câmbio nas condições ... de mercado livre, contribuem desfavoravelmente" na promoção de exportações (Balassa 1972:83/4).

A taxa de promoção de exportações mede o nível com que o governo promove a produção de produtos exportáveis na indústria nacional. Balassa (1972:427) expressou a TPX da seguinte forma:

$$TPX = (s_j - \Sigma a_{ij}t_i) / (1 - \Sigma a_{ij}) \quad (4)$$

onde:

- s_j é a taxa de subsídio aos produtos exportáveis, j , (se houver taxas contra exportações s_j seria negativo);

- t_i é a taxa não reembolsável sobre os insumos intermediários importados, i ; e
- a_{ij} é o coeficiente do insumo-produto.

Assim, assumindo-se que as tarifas são preponderantes na definição das taxas de promoção de exportações, pode-se deduzir o seguinte:

- a) Se a $TPX > 1$, a taxa de subsídios aos produtos exportados é maior que o somatório das taxas pagas para os insumos intermediários importados para produzir o produto j , o que promove as exportações;
- b) Se a $TPX = 0$, a taxa de subsídios aos produtos exportados é igual ao somatório das taxas pagas para os insumos intermediários importados para produzir o produto j . Não há promoção para as exportações. Tão pouco há discriminação contra exportações;
- c) Se a $TPX < 1$, há discriminação contra as exportações porque a taxa de subsídios aos produtos exportados é menor que o somatório das taxas pagas para insumos intermediários importados para produzir o produto j .

Se as tarifas alfandegárias de importação e os subsídios às exportações de um produto forem ambas iguais a zero, as TEP e as TPX serão idênticas ($TEP = TPX \Rightarrow t_j = s_j = 0$).

Constrangimentos na Utilização da Capacidade da Indústria Gráfica na Cidade de Maputo

Os constrangimentos na oferta e procura afectam a utilização da capacidade desta indústria. Para avaliar os constrangimentos na utilização da capacidade utilizei a taxa de utilização da capacidade e as médias dos factores que os entrevistados forneceram.

Taxa de Utilização da Capacidade

Calculei as taxas de utilização da capacidade com base na estrutura do tempo médio de funcionamento das fábricas fornecida pelos directores de produção das 20 unidades industriais entrevistadas.

Utilizei três definições para medir a utilização da capacidade: (i) considerando o número máximo de horas suposto de funcionamento da indústria por semana, com o número médio actual de funcionamento da indústria; (ii) considerando o resultado de (i) com a percentagem do aumento da produção possível com os mesmos factores e horas de produção, **se os insumos e a procura não forem constrangimentos**; e (iii) considerando o resultado de (i) com a percentagem do aumento da produção com a mesma maquinaria, horas e turnos, **se mais mão-de-obra for disponível (Matriz I)**.

Embora a imprensa possa trabalhar 168 horas/semana, e.g., 7x24 horas por semana, normalmente ela não trabalha na madrugada, para não prejudicar a

qualidade do produto. E há directores de unidades industriais que afirmaram que, se não tivessem outros constrangimentos, a sua maquinaria tem a capacidade de responder à procura com o tempo que actualmente utiliza de 40 horas por semana, sem ocupar sábados e domingos. Outros afirmaram que poderão trabalhar 60 horas por semana, sem incluir o fim de semana; outros afirmaram que podem trabalhar 120 horas. Somente um director que afirmou que pode trabalhar 144 horas por semana e dois directores que afirmaram que as suas fábricas podem trabalhar 168 horas por semana.¹¹ Por isso, supõe-se que o número máximo de horas por semana são 112 horas, correspondentes a 16 horas diárias, e.g., 7 x 16. A taxa de utilização da capacidade é 47%. Mas, se os insumos e a procura não forem constrangimentos, mantendo os mesmos factores e horas de produção, a taxa de utilização da capacidade baixaria para 31%. E se os gestores da indústria puderem também aumentar a mão-de-obra, mantendo a mesma maquinaria, turnos e horas, a taxa de utilização da capacidade baixaria para 29% (*Matriz I e Anexo II*).

Portanto, a taxa de utilização da capacidade é abaixo de 50%, devido, principalmente à falta de encomendas, insuficiência de capital e concorrência externa, o que prejudica esta indústria.

*Matriz I. Utilização da Capacidade na Indústria Gráfica - Cidade de Maputo
(Taxa de Utilização da Capacidade)*

	Número de horas de funcionamento da indústria		Percentagem do aumento da produção se os insumos e a procura forem abundantes c/os mesmos factores e horas de produção	Percentagem do aumento da produção c/o aumento da mão-de-obra, mantendo os restantes factores
	Máximo	Actual		
Médias	112	53	53%	64%

$$CU_1 = H/H_{max} = 47\%$$

$$CU_2 = CU_1/(1+Extra_1) = 31\%$$

$$CU_3 = CU_1/(1+Extra_2) = 29\%$$

Constrangimentos na Utilização da Capacidade

Segundo informações obtidas junto dos directores de produção e comerciais através de entrevistas e inquéritos, os factores que mais constroem a utilização da capacidade são (*Tabela I e Anexo III*)

Do lado da oferta

Nos insumos

- outros constrangimentos, e.g., fornecedores sem estoques de matéria-prima;
- oferta inadequada de força-de-trabalho treinada correctamente;
- capital insuficiente.

¹¹ Entrevistas efectuadas a 20 directores de empresas contactadas.

No processo

- inabilidade de usar o turno nocturno devido à falta de transporte/segurança;
- paragens frequentes de maquinaria.

Do lado da procura:

Na procura doméstica

- falta de encomendas;
- preconceitos dos consumidores contra os produtos nacionais;
- concorrência com os importadores comerciais que fogem ao fisco;
- concorrência com importadores comerciais que pagam tarifas.

Na procura internacional

- concorrência nos preços internacionais.

Tabela 1. Constrangimentos na utilização da capacidade (médias e desvios - padrão)

e número de empresas respondentes

Factores	Média	Desvio padrão	Número de respond.
A. Oferta			
<i>A.1. Infra-estrutura</i>			
Oferta irregular de energia	1,1	1,8	8
Custos altos de transporte	1,1	1,5	9
Oferta irregular de água	0,8	1,5	6
Vias rodoviárias degradadas	0,8	1,6	4
Vias ferroviárias degradadas	0,1	0,4	1
<i>A.2. Inputs</i>			
Outros constrangimentos, e.g., fornecedores sem <i>stock</i> de matéria-prima.	2,7	1,8	16
Oferta inadequada de força-de-trabalho treinada correctamente	2,6	1,7	16
Capital insuficiente	2,2	2,1	12
Processos alfandegários morosos ou pesados	1,5	2,0	8
Não competitivo devido a não isenção de tarifas	1,3	2,1	6
Desvios de peças sobressalentes	0,9	1,5	7
Dificuldades de obtenção de câmbios (moeda externa)	0,9	1,8	5
Dificuldades em obter licenças de aquisição de matérias-primas	0,4	0,9	3
Restrições proporcionadas pela lei laboral	0,4	0,9	4
<i>A.3. Processo</i>			
Inabilidade de usar o turno nocturno devido à falta de transporte/segurança	1,6	1,9	10
Paragens frequentes da máquina	1,6	1,4	15
Ineficiência do processo de produção	1,5	0,9	16
Fraca qualidade do produto	1,1	1,1	12
Engarrafamento no processo de produção	0,5	0,8	6
Regulamentos ambientais	0,3	0,6	3
Falta de combustível	0,2	0,4	3

Quais são mesmo as causas da falta

utilização da capacidade

B. Procura			
<i>B.1. Procura local</i>			
Falta de encomendas	3,7	1,4	20
Preconceitos dos consumidores contra os produtos nacionais	2,9	2,0	16
Concorrência com os importadores comerciais que fogem ao fisco	2,3	2,0	13
Concorrência com importadores comerciais que pagam tarifas	1,8	1,7	13
Outro constrangimento na cadeia de distribuição	1,4	1,8	9
Dificuldades de transporte impedindo a distribuição	1,2	1,7	9
Excesso de capacidade na indústria local	0,9	1,3	7
<i>B.2 Procura internacional</i>			
Concorrência nos preços internacionais	2,0	2,1	10
Dificuldades de política no país	1,5	2,1	8
Concorrência na qualidade do produto a nível internacional	1,2	1,7	8
Contacto inadequado com compradores e intermediários	1,0	1,6	6
Sobrevalorização da taxa de câmbios	0,9	1,6	5
Custos altos de <i>marketing</i> internacional	0,6	1,4	3
Limitações de quotas e tarifas das partes importadas	0,4	1,0	3

Nota: 0 = não importante; 1 = menos importante; 2 = importante; 3 = muito importante; 4 = importantíssimo.

Isto, no constrangimento da utilização da capacidade.

Estoques de Mercadoria

Das 20 unidades industriais inquiridas nove é que focaram a existência de roturas de estoques cujos motivos foram: a) rotura de estoques dos fornecedores; e b) insuficiência de capital para compra de insumos (*Anexo IV*).

O que Desencoraja a Indústria Gráfica Importar os Insumos Directamente

O desencorajamento à indústria gráfica importar directamente a matéria-prima pode provir de vários factores, alguns dos quais os preços de compra, a falta de crédito, capital insuficiente e demora no desalfandegamento. Será que é o problema dos preços de compra de insumos que desencoraja as fábricas importarem directamente? Será que a demora no desalfandegamento, a corrupção nas alfândegas e falta de confiabilidade implicam custos extras que afectam a viabilidade de importar a matéria-prima directamente em vez de adquiri-la através de grossistas? Será que é o escoamento de mercadorias dos armazéns alfandegários para as fábricas que desencoraja a elas importarem directamente? Para estudar estas questões: comparei os preços de compra de matéria-prima local e do exterior; analisei o processo de desalfandegamento das mercadorias; avaliei os custos extras; e analisei o escoamento de mercadorias dos armazéns alfandegários para as fábricas.

Comparação dos Preços de Matéria-prima Importada e Comprada Localmente

Será que são os preços de compra de matéria-prima do exterior que desencoraja as fábricas importarem directamente? Para analisar esta questão comparei os preços de compra de matéria-prima local e do exterior. Das 20 gráficas entrevistadas, só três efectuam importações directas e as restantes compram a matéria-prima ao grossista.

Os preços médios de compra de matéria-prima ao grossista (cif + tarifas alfandegárias + emolumentos gerais aduaneiros + IVA + margem de comercialização) são altos em relação aos preços médios de importação directa de matéria-prima, variando de 15,2% a 134,4% acima dos preços de importação (cif + tarifas alfandegárias + emolumentos gerais aduaneiros + IVA). Então não são os preços de compra de insumos que inviabilizam as fábricas importarem directamente (*Tabela 2 e Anexo V*).

(10³MT)

Insumo	U/M	Preço unitário		Diferença	
		Grossista	Importação	(P.U.)	%
1	2	3	4	5 = 4-3	6 = 3/4-1
Papel bond 80gr 610x860mm (A ₁)	Resma	838	653	-185	28,3
Papel bond 70 gr 610x860mm (A ₁)	Resma	754	537	-217	40,4
Cartolina couché 200gr 640X0.15mm.	Resma	10.671	4.552	-6.119	134,4
Tinta preta.	Kg	126	73	-53	72,7
Chapas de alumínio 770X1030mm.	Unid.	168	102	-65	64,0
Chapas de alumínio 637X1025mm.	Unid.	250	168	-82	49,2
Filme de marca Kodak	Rolo	19.329	16.773	-2.557	15,2

Definições:

- Preço unitário do grossista = CIF + tarifas alfandegárias + emolumentos gerais aduaneiros + IVA + margem de comercialização.
- Preço unitário de importação directa = CIF + tarifas alfandegárias + IVA + emolumentos gerais aduaneiros.

Processo de Desalfandegamento das Mercadorias

Será que são os custos de desalfandegamento de mercadorias que desencorajam as fábricas importarem directamente a matéria-prima? Para avaliar esta questão, analisei o tempo que leva o desalfandegamento das mercadorias, os procedimentos no desalfandegamento das mercadorias e os custos extras incorridos por burocracia nas alfândegas. A demora no desalfandegamento das mercadorias depende da organização dos documentos necessários. Normalmente, em média demora três dias; no mínimo, dois dias; e no máximo, sete dias. Existe rapidez e simplicidade no desembaraço dos insumos. Em geral, os custos extras são mínimos (*Tabela 3*).

Neste contexto, não é a lentidão, complexidade ou outros transtornos no desalfandegamento de mercadorias que desencoraja as fábricas importarem directamente.

Tabela 3. Processo de Desalfandegamento de Mercadorias (médias)

Descrição	Dias de desalfandegamento			Classificação de cada elemento	Classificação de cada Custo extra
	Mínimo	Normal	Máximo		
	Dias	Dias	Dias		
1. Desalfandegamento de insumos					
- Papel	3	5	10		
- Cartolina 200gr	3	4	10		
- Tinta – preta	2	3	8		
- Tinta – magenta	3	4	10		
- Chapas de alumínio - 770X1030mm	1	3	5		
- Filme de marca Kodak	1	1	1		
2. Procedimentos					
- Rapidez no desembaraço dos insumos				5	
- Simplicidade no desembaraço dos insumos				5	
- Morosidade na entrega dos despachos de Desembaraço dos insumos				1	
- Variações imprevisíveis no tempo de entrega de mercadoria				1	
3. Custos extras que a fábrica tem incorrido					
Devido à burocracia nas alfândegas					
- Anulação de contratos de encomendas					0
- Desistência de encomendas					0
- Juros de mora					0
					2

Nota: 2. Procedimentos: 0 = péssimo; 1 = mau; 2 = suficiente; 3 = bom; 4 = muito bom; e 5 = excelente.

3. Custos extras: 0 = não importante; 1 = menos importante; 2 = importante; 3 = mais importante; 4 = fortemente importante; e 5 = Extremamente forte. Isto, no agravamento de custos extras.

Escoamento de Mercadorias dos Armazéns Alfandegários para a Fábrica

Será que é o escoamento de mercadorias dos armazéns alfandegários para as fábricas que as desencoraja importarem directamente a matéria-prima? A demora da chegada de mercadoria na fábrica depende do meio de transporte que usou para sua importação. Há três meios de transporte que se utilizam:

- *Via terrestre.* Logo que a mercadoria é despachada pelas alfândegas é transportada para a fábrica no mesmo dia e leva uma a quatro horas, dependendo do tráfego na Cidade de Maputo;
- *Via marítima.* Frequentemente a mercadoria vem contentorizada. Após o desembaraço alfandegário, o escoamento de mercadoria leva um a quatro dias e normalmente dois, devido à fraca frota apropriada para transportar contentores na Cidade de Maputo. Fundamentalmente, depende da disponibilidade dos veículos capacitados para o efeito;
- *Via aérea.* Raramente utilizam este meio de transporte para transportar insumos para a indústria gráfica, somente uma unidade industrial é que, às vezes, tem importado mercadoria por esta via. Após o desembaraço alfandegário, o escoamento de mercadoria para a fábrica leva um a

quatro dias e segundo a disponibilidade de meios de transporte e financeiros para pagar a armazenagem. Mesmo assim, nesta fábrica deve haver problemas organizacionais

Então, segundo os entrevistados, o escoamento de mercadorias dos armazéns alfandegários para a fábrica não inviabiliza as fábricas importarem a matéria-prima directamente.

Inspeccionamento de Mercadoria Importada

As taxas de inspecção agravam os custos de importação de matéria-prima para a produção. Que taxas são aplicadas no inspeccionamento de insumos para esta indústria?

Segundo o que consta no Diploma Ministerial (nº 207/98:213) “são passivas de sujeição à inspecção pré-embarque todas as importações sob regime aduaneiro de definitivas ou para entrada em regime de armazém aduaneiro”. Portanto, a inspecção de mercadorias é feita em determinadas mercadorias.

Das três unidades industriais entrevistadas, somente uma é que importou mercadoria (bobines de papel jornal) que exige inspecção, cuja taxa é de 2,5%. Segundo os entrevistados, o inspeccionamento de mercadoria oferece as seguintes vantagens:

- certeza de que receber-se-á a encomenda requerida;
- garantia de qualidade e quantidade de mercadoria encomendada; e
- evita fuga ao fisco.

As desvantagens de inspeccionamento de mercadoria são:

- perda de tempo no processo de importação;
- burocracia em excesso;
- manutenção de estoques nas fábricas para se evitar roturas;
- faz demorar a remessa de mercadoria; e
- processo moroso.

Então, não é o inspeccionamento de mercadoria que desencoraja as fábricas importarem os insumos

Segundo os directores das unidades industriais, as fábricas não importam directamente por causa de **insuficiência de capital e dificuldades de obtenção de crédito bancário** e então a necessidade de comprar em pequenos lotes para investir em meios circulantes materiais para a produção e manutenção de estoques de matéria-prima de, pelo menos, dois a três meses, se considerarmos as quatro possíveis causas: (i) preços de compra de insumos; (ii) processo de desalfandegamento de mercadorias; (iii) escoamento de mercadorias dos armazéns alfandegários para as fábricas; e (iv) inspeccionamento de mercadoria importada.

Impacto do Regime Fiscal Alfandegário na Utilização da Capacidade da Indústria Gráfica para Abastecer os Mercados Local e Externo

As tarifas alfandegárias são um dos instrumentos principais usados na política comercial internacional com as quais um país pode proteger ou não a sua indústria na aquisição dos insumos importáveis e de produtos finais importáveis e exportáveis. As tarifas alfandegárias podem afectar a utilização da capacidade da indústria local para abastecer os mercados local e externo.

Medi o impacto do regime fiscal alfandegário na capacidade da indústria através da taxa efectiva de protecção (TEP) e da taxa de promoção de exportações (TPX) segundo as definições de Balassa (1972:426/7), Coughlin (2001:29) e Steel (1972:259).

Selecionei o livro, jornal, caderno, e revista para este trabalho. A matéria-prima importável para produção destes produtos paga tarifas, imposto do valor acrescentado (IVA) e emolumentos gerais aduaneiros (21.000MT para despacho de cinco produtos e 42.000MT para mais de cinco produtos). As tarifas alfandegárias para a matéria-prima necessária para produção destes produtos variam de 2,5% a 25% e o IVA é uma taxa fixa de 17%, enquanto nos produtos finais importáveis e exportáveis, o livro e o caderno estão isentos de tarifas e do IVA; o jornal e a revista pagam 2,5% mas não pagam o IVA e não têm taxas ou subsídios para exportação (Tabelas 4 e 5).

Tabela 4. Regime fiscal alfandegário nos insumos importáveis

Produto	Posição Pautal	Taxa (%)	IVA (%)	Total (%)
Filme	370239	25,0	17,0	42,0
Linha	540120	25,0	17,0	42,0
Corrector	39269090	25,0	17,0	42,0
Papel vegetal	4806300	25,0	17,0	42,0
Revelador	852390	7,5	17,0	24,5
Chapas de alumínio	760692	7,5	17,0	24,5
Cola	35052000	7,5	17,0	24,5
Arame	73141990	7,5	17,0	24,5
Percalina	39205900	7,5	17,0	24,5
Petróleo	271290	7,5	17,0	24,5
Papel jornal (bond 70 gr)	48010000	2,5	17,0	19,5
Cartolina	48026900	2,5	17,0	19,5
Tintas	32151900/35151100	2,5	17,0	19,5
Papel/uso gráfico	480260	2,5	17,0	19,5

Fonte: Tabela adaptada com base nos dados recolhidos na Pauta Aduaneira de 2002.

Nota: As alfândegas cobram 21.000MT por cada despacho de um a cinco *itens* de produtos importados e cobra 42.000MT no caso de exceder cinco *itens*, daí o acréscimo de 0.1% a 0.2%.

Tabela 5. Regime fiscal alfandegário nos produtos seleccionados e importáveis/exportáveis

Produto	Posição Pautal	Taxa (%)	IVA (%)	Total	Taxa ou subsídio de expot. (%)
Revista	49029000	2,5	0,0	2,5	0,0
Jornal	49029000	2,5	0,0	2,5	0,0
Livro	49011000	0,0	0,0	0,0	0,0
Caderno	49011000	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: Tabela adaptada com base nos dados recolhidos na Pauta Aduaneira de 2002.

Com base nos dados das Tabelas 4 e 5 e da estrutura de custos da indústria gráfica calculei as taxas efectivas de protecção e de promoção de exportações, de acordo com o tipo de tecnologia adoptada por cada sub-ramo, para avaliar o impacto do regime fiscal alfandegário nesta indústria.

O papel vegetal e o filme são os tipos de tecnologia que a indústria gráfica utiliza. Existe um grupo de fábricas que utiliza papel vegetal, outro que utiliza filme e o outro que utiliza vegetal e filme, isto é, tem as duas tecnologias instaladas nas suas fábricas. O papel vegetal é utilizado para trabalhos simples, como textos, enquanto que o filme é utilizado para trabalhos simples e complexos, como trabalhos a cores. Embora algumas imprensas utilizam o filme para todos os trabalhos, é somente caro e ineficiente (*Anexos VII e VIII*).

Teoricamente, os " a_{ij} em condições de comércio livre, serão iguais ao correspondente coeficiente de insumo (a_{ij}), definido em unidades naturais, multiplicado pela relação entre os preços do insumo e do produto no mercado mundial". São coeficientes dos preços dos insumos-produtos no mercado mundial. Como não os temos, estamos a utilizar os a_{ij} que cobrem os preços domésticos, para calcular as TEP e as TPX, supondo que estes serão os mais eficientes. "Pressupõe-se que o preço do produto no mercado mundial é igual à unidade e todas as variáveis expressam-se em termos percentuais". A TEP mede, então, a protecção à indústria doméstica (Balassa 1972:427).

Taxa Efectiva de Protecção (TEP)

O estudo das TEP para o livro, jornal, caderno e revista incidirá na análise comparativa dos valores acrescentados domésticos com os valores acrescentados internacionais do sub-sector das unidades industriais mais eficientes, i.e., aquelas que conseguem oferecer o produto a menor preço. A variação dos preços unitários das unidades industriais contactadas é muito grande, sobretudo para o livro (*Gráficos 4 a 7, Anexo VI*). Portanto, existe grande ineficiência na maior parte das fábricas, os custos variáveis médios são muito altos em relação ao menor preço e, como consequência, os seus preços unitários de oferta são muito altos. Por isso há uma grande imperfeição no mercado. Além disso, muitas fábricas esbanjam a matéria-prima.

Para o cálculo das TEP utilizei os coeficientes de insumo-produto (a_{ij}) do sub-sector das unidades industriais mais eficientes. Utilizei dois cenários para o cálculo das TEP: primeiro, com o IVA reembolsado; e, segundo, com o IVA não reembolsado. Teoricamente o IVA pago nos insumos não é considerado como um imposto que afecte os custos de produção, porque é reembolsado. Mas na prática este valor não é reembolsado porque:

- 1) os produtos seleccionados para o estudo estão isentos do IVA e eles são quase a totalidade da produção destas empresas;
- 2) o IVA cobrado pelas empresas gráficas nas vendas doutros produtos que pagam o IVA não cobre o IVA pago nos insumos utilizados para produção do livro, jornal, caderno e a revista;

- 3) Neste caso, é extremamente difícil senão quase impossível receberem o reembolso. Para o caso em que o IVA não é reembolsado inclui o IVA nas tarifas alfandegárias para os insumos usados na produção (*Anexos VII a X*).

De acordo com os cenários usados para o cálculo das TEP, os resultados obtidos são:

Com IVA reembolsado

- Para o livro, caderno e revista, as TEP são negativas, variando de -0.4% a -10.5%, como consequência dos valores acrescentados domésticos (VA_d) serem baixos em relação aos valores acrescentados internacionais (VA_w). Há discriminação contra esta indústria. Isto acontece porque os insumos importáveis pagam tarifas alfandegárias, enquanto o livro e caderno estão isentos de tarifas alfandegárias e a revista paga tarifas alfandegárias irrisórias (2.5%).
- Para o jornal a TEP é positiva (+0.5%), como consequência do (VA_d) ser ligeiramente maior em relação ao (VA_w). A protecção é irrisória a esta indústria, porque os insumos importáveis pagam tarifas alfandegárias enquanto o jornal paga tarifas alfandegárias irrisórias (2.5%).

Com o IVA não reembolsado

- As TEP para o livro, jornal, caderno e revista são todas negativas, variando de -22.3% a -51.9%, como consequência dos baixos (VA_d) em relação aos (VA_w). Isto acontece porque os insumos importáveis para produção destes produtos pagam direitos, emolumentos gerais aduaneiros e o IVA, enquanto que o livro e o caderno estão isentos de tarifas aduaneiras e do IVA e o jornal e a revista pagam direitos aduaneiros irrisórios (2.5%) e não pagam o IVA. Por isso, a indústria gráfica é fortemente discriminada neste cenário (*Tabelas 4, 5 e 6, Gráficos 2 e 3, Anexos VII a X*).

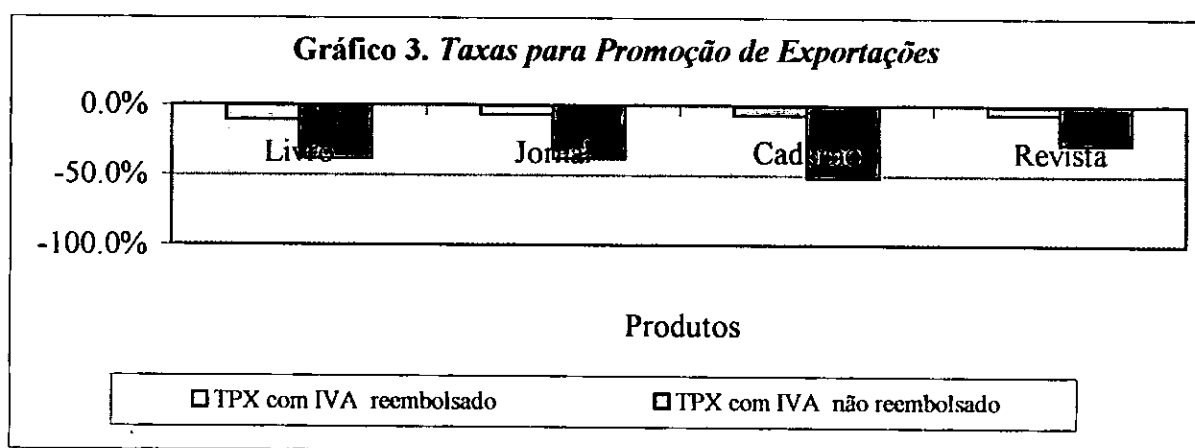
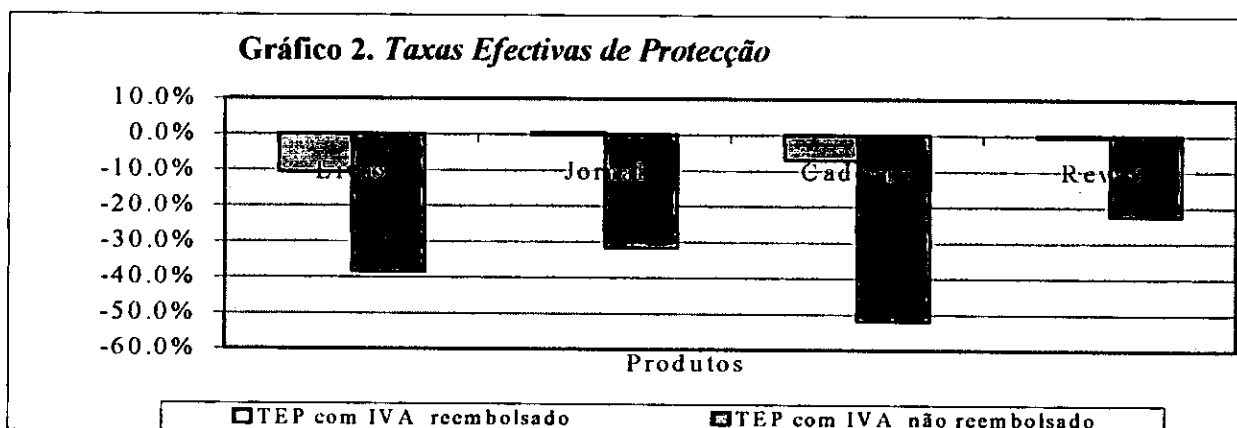
Como na prática o IVA não é reembolsado, a indústria gráfica é ainda mais fortemente prejudicada.

Tabela 6. Taxa Efectiva de Protecção e Taxa para Promoção de Exportações

Produto	TEP		TPX	
	Com IVA reembolsado	Com IVA não reembolsado	Com IVA reembolsado	Com IVA não reembolsado
Livro ^(a)	-10,5%	-38,4%	-10,5%	-38,4%
Jornal ^(b)	0,5%	-31,5%	-6,5%	-38,6%
Caderno ^(a)	-6,8%	-51,9%	-6,8%	-51,9%
Revista ^(b)	-0,4%	-22,3%	-6,0%	-27,9%

(a) As tarifas e os subsídios destes produtos são iguais a zero (0) ($t_j = s_j = 0 \Rightarrow TEP = TPX$).

(b) Estes produtos pagam direitos aduaneiros (2.5%), mas não pagam o IVA.



Taxa para Promoção de Exportações (TPX)

O estudo das TPX para o livro, jornal, caderno e revista incidirá na análise comparativa dos valores acrescentados domésticos com os valores acrescentados internacionais do sub-sector das empresas que oferecem os menores preços. Utilizei os coeficientes de insumo-produto do sub-sector das empresas mais eficientes (*Gráficos 4 a 7, Anexo VI*).

Com IVA reembolsado

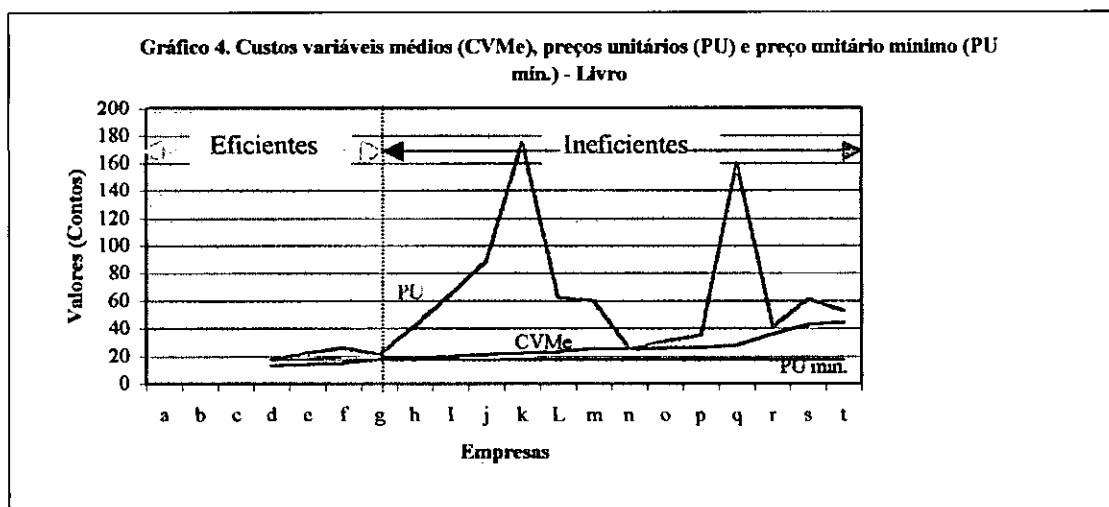
- As TPX são todas negativas para o livro, jornal, caderno e revista, variando de -6.0% a -10.5%, como consequência dos (VA_d) serem baixos em relação aos (VA_w) . Há desincentivo contra esta indústria. Isto acontece porque os insumos importáveis pagam tarifas alfandegárias.

Com o IVA não reembolsado

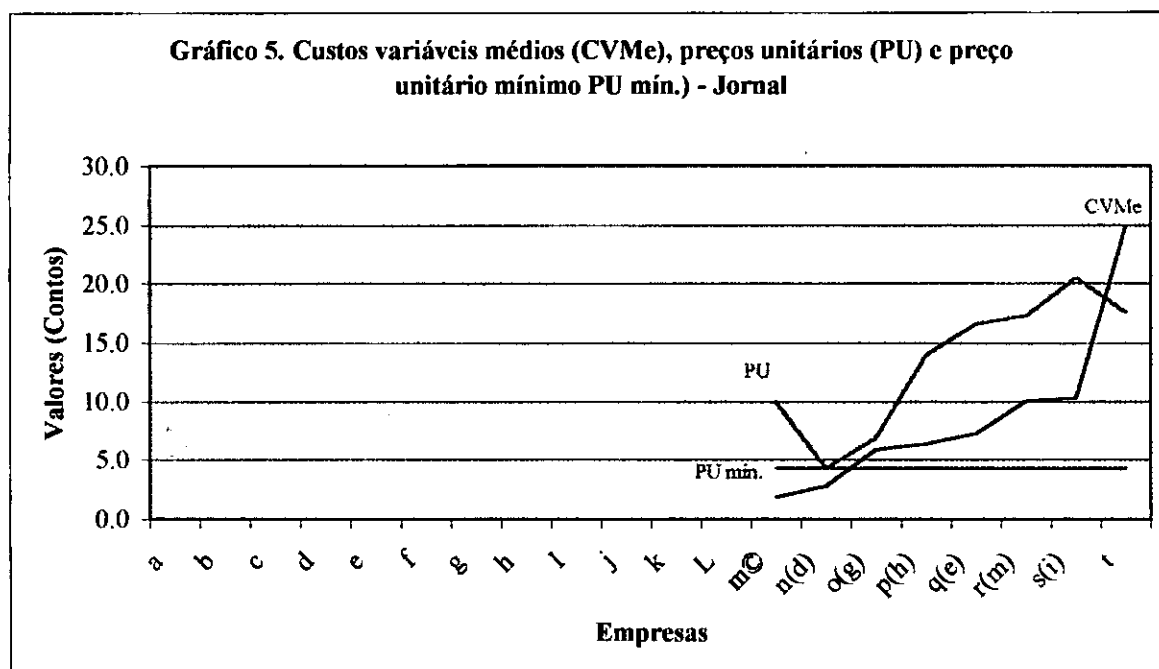
- As TPX para o livro, jornal, caderno e revista são negativas, variando de -27.9% a -51.9%, como consequência dos baixos valores acrescentados domésticos em relação aos valores acrescentados internacionais. Isto acontece porque os insumos importáveis para produção destes produtos

pagam tarifas alfandegárias e o IVA, enquanto que os produtos finais não têm subsídios para exportações e nem há reembolso das tarifas alfandegárias pagas nos insumos importáveis. Por isso, a indústria gráfica é desincentivada para produção destes produtos para exportação (*Tabelas 4, 5 e 6, Gráficos 2 e 3, Anexos VII a X*).

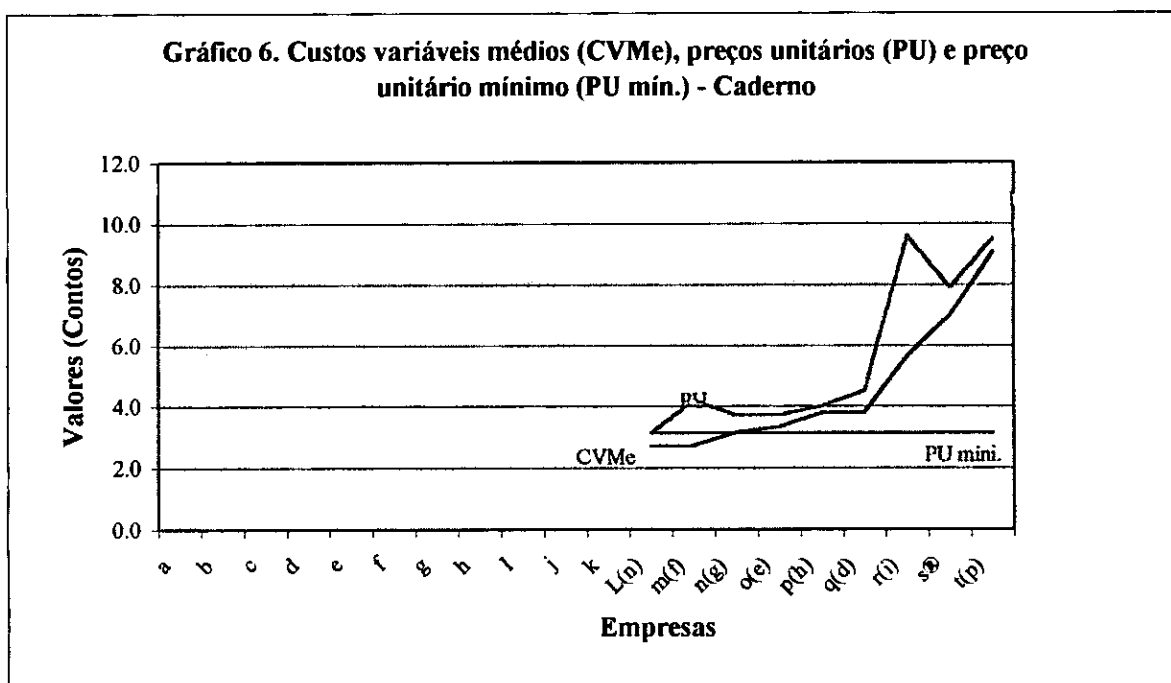
Como, na prática, não há reembolso do IVA pago na aquisição dos insumos para produção desta indústria, agravando-se ao facto de não haver reembolso das tarifas alfandegárias, esta indústria é ainda mais grandemente desincentivada para produção destes produtos para exportação (*Tabela 6, Gráficos 2 e 3, Anexos VII a X*).



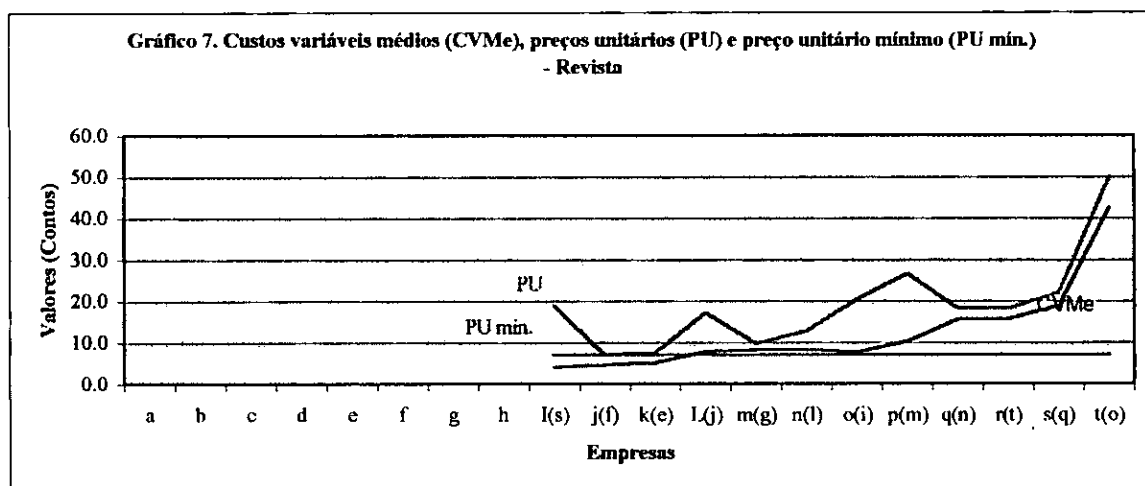
Nota. As empresas "a" a "c" não produzem o livro.



Nota. As empresas "a" a "L" não produzem o jornal.



Nota. As empresas "a" a "k" não produzem o caderno.



Nota. As empresas "a" a "h" não produzem a revista.

Conclusões

Há unidades industriais que vendem os seus produtos a preços unitários altíssimos e há outras que vendem os seus produtos a menores preços. Há empresas que são gravemente ineficientes, quase esbanjando os insumos. O que salva as empresas ineficientes é a alta margem de comercialização que utilizam e por isso os preços unitários dos seus produtos são maiores (*Gráficos 2 a 5, Anexo VI*).

Os valores acrescentados domésticos (VA_d), depois de pagos os impostos alfandegários sobre os insumos são menores que os valores acrescentados internacionais (VA_w), com excepção do jornal nas TEP quando o IVA é reembolsado, o que prejudica a produção desta indústria.

As taxas efectivas de protecção e as taxas para promoção de exportações são negativas em todos os produtos seleccionados, com excepção do jornal nas TEP quando o IVA é reembolsado. Então, as políticas governamentais discriminam esta indústria e torna-se mais grave porque, na prática, não reembolsa o IVA pago nos insumos usados para produção.

Determinados produtos da indústria gráfica estão isentos do IVA. Os insumos usados na produção pagam o IVA e este deve ser reembolsado pelo governo através do IVA pago nos produtos vendidos. Como a maior parte dos produtos está isenta do IVA, o valor do IVA cobrado nas vendas nunca cobre o IVA cobrado pelo governo nos insumos, tendo dívidas às fábricas.¹² Como o valor do IVA pago é reembolsável sem juros, a indústria também perde o custo de oportunidade até à data do reembolso que provavelmente demora muito.

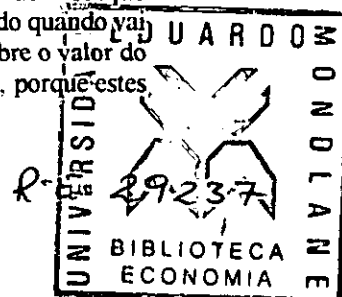
Vantagens e Desvantagens de usar Papel Vegetal, Filme e Ambas as Tecnologias

Entre as unidades industriais que utilizam papel vegetal e filme e as que possuem as duas tecnologias existem vantagens e desvantagens (Matriz II).

Matriz II. Vantagens e desvantagens de utilização de vegetal e filme e de vegetal ou filme

Descrição	Vantagens	Desvantagens
Unidades industriais que utilizam vegetal e filme.	<ul style="list-style-type: none"> • Menos custos; • Utilizam filme para fotografias e vegetal para textos; • É vantajoso para a produção de livros e outros materiais que usam cores e que não têm que recorrer a serviços de terceiros, caso por exemplo de fotografias; • Trabalhos de alta qualidade; • Facilidade de trabalhos a cores. 	Nenhumas, porque tanto para trabalhos complexos como para trabalhos simples, têm equipamento para execução.
Unidades industriais que utilizam vegetal.	<ul style="list-style-type: none"> • É utilizado para textos; • É utilizado nos trabalhos simples; • Tem menos custos por página. 	<ul style="list-style-type: none"> • Não é utilizado nos trabalhos complexos (a cores); • Acarreta altos custos, pois, para trabalhos que exigem o uso de filme têm que solicitar serviços de terceiros; • Possibilidade de perder clientes, se aperceberem que têm pouca capacidade de produzir trabalhos de qualidade.
Unidades industriais que	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhos de qualidade; 	Altos custos, porque tanto os trabalhos simples como complexos

¹² Entrevistas tidas com o gestor de contabilidade e finanças da Académica e o Director de Produção da EMOL. Segundo eles, o reembolso do IVA pago nos insumos importados é descontado quando vai pagar os impostos nas Finanças. Mas o valor do IVA cobrado nas vendas raramente cobre o valor do IVA pago na aquisição dos insumos para produção do livro, jornal, caderno e a revista, porque estes estão isentos do IVA.



utilizam filme.

• Trabalhos a cores.

têm de utilizar o filme e este custa muito caro.

Conclusões

A estrutura da indústria de artes gráficas no país é heterogénea; a maior concentração está situada na Cidade de Maputo, actualmente com 65 empresas gráficas do global de 86. Dentro das quais estão inclusas as serigrafias e editoras.

As taxas de utilização da capacidade são abaixo de 50% devido, principalmente, à falta de encomendas, preconceitos dos consumidores contra os produtos nacionais, insuficiência de capital e concorrência externa, o que prejudica a indústria gráfica.

Há factores que constroem fortemente a utilização da capacidade que são:

- *Do lado da oferta:* (i) fornecedores sem estoques de matéria-prima; (ii) oferta inadequada de força-de-trabalho treinada correctamente; e (ii) capital insuficiente; e
- *Do lado da procura:* (i) falta de encomendas; (ii) preconceitos dos consumidores contra os produtos nacionais; (iii) concorrência nos preços internacionais; e (v) concorrência com os importadores comerciais que fogem ao fisco.

A insuficiência de capital, as dificuldades na obtenção de crédito bancário e a fraca procura desencorajam as fábricas importarem directamente. Financeiramente as fábricas não são robustas e, por isso, preferem comprar localmente, embora os preços de importação dos insumos sejam abaixo dos de compra local. Isto é um problema geral da indústria manufactureira e só a nível geral é que pode ser rectificado.

Os valores acrescentados domésticos (VA_d), depois de pagos os impostos alfandegários sobre os insumos, são menores que os valores acrescentados internacionais (VA_w), com excepção do jornal quando o IVA é reembolsado na TEP, o que prejudica a capacidade de produção desta indústria competir (*Anexos VII a X*).

As taxas efectivas de protecção são(é):

Com IVA reembolsado

- negativas, para o livro, caderno e revista, variando de -0.4% a -10.5% . Há discriminação à indústria gráfica (*Tabela 6, Gráficos 2 e 3, Anexos VII a X*).
- positiva ($+0.5$) para o jornal. A protecção é irrisória a esta indústria.

Com o IVA não reembolsado

- todas negativas, para o livro, jornal, caderno e revista, variando de -22.3% a -51.9% . Há discriminação à indústria gráfica, o que é fortemente agravado por, na prática, não se reembolsar o IVA.

As taxas para promoção de exportações são:

Com IVA reembolsado

- todas negativas para o livro, jornal, caderno e revista, variando de -6.0% a -10.5%. Há grande desincentivo para promoção de exportações, por isso, todos os valores acrescentados domésticos são negativos e menores que os valores acrescentados internacionais e isso é agravado pelo facto de na, prática, não haver devolução do IVA (*Tabela 6, Gráficos 2 e 3, Anexos VII a X*).

Com o IVA não reembolsado

- todas negativas, para o livro, jornal, caderno e revista, variando de -27.9% a -51.9%. Há grande desincentivo contra indústria gráfica produzir para exportações, o que é fortemente agravado por, na prática, não se reembolsar o IVA.

O método utilizado pelo governo para o reembolso do IVA pago na aquisição de matéria-prima proporciona que o estado tenha dívidas à indústria gráfica pelo facto de o livro, jornal, caderno e a revista estarem isentos do IVA, o que é prejudicial à indústria.

Recomendações

A utilização da capacidade da indústria gráfica é muito baixa por vários motivos referidos na tabela 1, então o Estado deve, em conjunto com a Associação dos Industriais Gráficos, estudar formas de capacitar esta indústria para abastecer os mercados local e externo.

As taxas efectivas de protecção são grandemente negativas porque nalguns casos os produtos finais são isentos de tarifas alfandegárias enquanto nos insumos não. Há duas soluções possíveis:

- 1) isentar-se das tarifas alfandegárias aos insumos; ou
- 2) impor tarifas nos produtos importados, para desincentivar a importação do livro, jornal, caderno e revista e motivar a indústria doméstica produzi-los.

Impor tarifas alfandegárias, em certos produtos tais como o livro e o caderno politicamente não seria viável para o governo porque têm maior impacto social, principalmente na educação. Isentar tarifas alfandegárias nos insumos importáveis seria vantajoso para a indústria porque reduziria os custos variáveis e os preços unitários de venda dos produtos da indústria local seriam menores e isso seria um dos incentivos para capacitar esta indústria na produção para abastecer os mercados local e externo. Neste contexto, *recomenda-se que o governo isente das tarifas alfandegárias os insumos importáveis para a produção, principalmente às unidades industriais mais eficientes.*

O critério de reembolso do IVA pago por insumos importáveis coloca o governo como devedor, porque consiste na dedução ao valor do IVA que a indústria deve pagar às Finanças mensalmente, e este valor, segundo os entrevistados, nunca cobre o valor do IVA pago nos insumos, quando os seus produtos principais são o livro, jornal, caderno e a revista que estão isentos de IVA. Há duas soluções possíveis:

- 1) isentar-se o IVA nos insumos para produção; ou
- 2) reembolsar o valor do IVA devido à indústria referente aos insumos utilizados na produção, mensalmente. Isto evitaria que o governo tivesse dívidas face à indústria.

A matéria-prima principal da indústria gráfica é o papel, tinta, chapas de alumínio, filme, revelador, cola e arame. Esta matéria-prima pode ser usada para outros fins que não sejam da produção gráfica, então, pode haver descaminho de utilização o que será prejudicial para o governo quando isentar do IVA os insumos. Liquidar o valor do IVA devido à indústria referente aos insumos utilizados na produção, mensalmente, seria vantajoso ao Estado porque evitaria ter dívidas face à indústria empatar o dinheiro. Por isso, *recomenda-se que o governo reembolse o valor do IVA devido à indústria, referente aos insumos utilizados na produção.*

A escassez de força de trabalho adequada e correctamente treinada na indústria gráfica é uma questão mais geral e deve ser bem avaliada.

Anexo I

Tabela 7. Posição actual de cada empresa (trabalhadores, dias de trabalho, horas, turnos e tempo de intervalo)

Empresa	Número de trabalhadores			Dias de Trabalho		Horas/semana		Nº de Turnos	Tempo de
	Total	Adm.	Prod.	Adm.	Prod.	Adm.	Prod.	Prod.	Interv.
1 (c)	322	151	171	5	6	43	144	4	0.00
2 (h)	164	35	129	5	5	40	40	1	0.45
3 (q)	160	40	120	5	5	40	40	1	0.00
4 (g)	148	20	128	5	5	40	40	1	0.30
5 (m)	87	26	61	5	5	40	70	2	0.30
6 (f)	70	6	64	5	5	40	30	3	1.05
7 (e)	61	6	55	5	5	45	67	2	0.30
8 (r)	58	14	44	5	5	40	45	2	0.15
9 (k)	54	8	46	5	5	40	40	1	1.30
10 (t)	44	19	25	5	5	40	40	1	1.45
11 (j)	40	9	31	5	5	40	40	1	0.30
12 (p)	39	7	32	5	5	40	40	1	0.45
13 (i)	36	16	20	5	5	35	35	1	0.30
14 (n)	36	8	28	5	5	45	45	1	0.30
15 (s)	35	5	30	5	5	40	40	1	1.30
16 (o)	22	4	18	5	5	40	80	2	0.00
17 (a)	17	8	9	5	5	40	40	1	0.45
18 (b)	15	3	12	5	5	40	40	1	0.30
19 (l)	10	4	6	5	5	40	40	1	0.45
20 (d)	8	3	5	5	5	35	35	1	0.30

Nota. As letras entre parênteses correspondem às empresas indicadas no anexo VI, primeira coluna, que serviu de base para elaboração de gráficos 2 a 5.

Anexo II

Tabela 8. Utilização da Capacidade na Indústria Gráfica - Cidade de Maputo
(Taxa de Utilização da Capacidade)

Empresa	Número de horas de funcionamento da fábrica		Percentagem do aumento da produção possível c/os mesmos factores e horas de produção	Percentagem do aumento da produção c/o aumento da mão-de-obra, mantendo os restantes factores
	Máximo	Actual		
1(q)	112	40	70%	85%
2(e)	112	67,5	30%	50%
3(c)	112	168	100%	100%
4(s)	112	40	30%	50%
5(a)	112	40	50%	80%
6(h)	112	40	40%	60%
7(m)	112	70	75%	100%
8(k)	112	40	97%	100%
9(p)	112	40	70%	25%
10(i)	112	35	30%	50%
11(f)	112	90	80%	80%
12(g)	112	40	60%	60%
13(d)	112	35	50%	50%
14(l)	112	40	30%	50%
15(j)	112	25	45%	60%
16(n)	112	45	100%	100%
17(b)	112	40	40%	80%
18(r)	112	45	10%	15%
19(o)	112	80	30%	50%
20(t)	112	35	30%	40%
Média	112	53	53%	64%

Nota. As letras entre parênteses correspondem às empresas indicadas no anexo VI, primeira coluna, que serviu de base para elaboração de gráficos 2 a 5.

$$CU_1 = H/H_{max} = 47,1\%$$

$$CU_2 = CU_1/(1+Extra_1) = 30,7\%$$

$$CU_3 = CU_1/(1+Extra_2) = 28,7\%$$

Tabela 9. *Constrangimentos na utilização da capacidade*

Factores	Empresas/Peso de Cada Factor																				Desvio Padrão
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	
	q	e	c	s	a	h	m	k	p	l	f	g	d	i	j	n	b	r	o	t	
A. Oferta																					
A.1. Infra-estrutura																					
Oferta irregular de energia	0	1	0	3	0	0	0	0	5	0	1	0	0	0	0	0	0	1	5	1	
Custos altos de transporte	0	3	3	0	1	0	2	0	0	2	0	0	0	0	1	0	0	3	5	2	
Oferta irregular de água	0	0	0	4	0	0	1	0	0	5	0	1	0	0	0	0	0	1	3	0	
Vias rodoviárias degradadas	0	3	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	5	0	
Vias ferroviárias degradadas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	
A.2. Inputs																					
Outros constrangimentos, e.g., fornecedores sem stock de matéria-prima.	3	3	5	0	4	3	2	1	2	3	4	2	4	5	5	0	2	0	0	0	
Oferta inadequada de força-de-trabalho treinada correctamente	3	2	2	0	3	0	2	5	0	4	1	3	4	3	3	0	3	5	5	5	
Capital insuficiente	3	5	5	0	5	2	0	0	5	4	0	0	5	3	1	0	0	3	0	3	
Processos alfandegários morosos ou pesados	0	4	3	0	0	0	0	5	0	2	0	5	0	0	0	0	0	3	5	3	
Não competitivo devido a não isenção de tarifas	0	3	5	0	0	5	0	0	0	5	0	0	5	0	0	0	0	3	0	0	
Desvios de peças sobressalentes	5	2	0	0	0	0	3	0	0	4	0	0	1	0	0	0	1	0	2	0	
Dificuldades de obtenção de câmbios (moeda externa)	0	0	5	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	3	4	5	
Restrições proporcionadas pela lei laboral	0	0	3	0	0	0	0	0	0	2	0	1	0	0	0	0	0	2	0	0	
Dificuldades em obter licenças de aquisição de matérias-primas	0	0	3	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	
A.3. Processo																					
Inabilidade de usar o turno nocturno devido à falta de transporte/segurança	0	3	1	5	0	3	0	0	0	3	5	5	0	0	0	0	0	3	2	2	
Paragens frequentes da máquina	0	3	2	2	2	1	2	0	2	2	1	1	0	2	4	0	0	1	1	5	
Ineficiência do processo de produção	3	2	1	2	2	0	2	0	0	3	1	1	2	2	2	2	0	1	2	2	
Fraca qualidade do produto	0	2	1	0	1	0	2	0	0	4	1	1	1	2	3	0	0	0	1	2	
Engarrafamento no processo de produção	0	0	0	3	1	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	
Regulamentos ambientais	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	1	0	
Falta de combustível	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	1	0	
B. Procura																					
B.1. Procura local																					
Falta de encomendas	5	4	5	2	5	2	5	2	1	4	5	5	5	4	4	5	4	3	2	2	
Preconceitos dos consumidores contra os produtos nacionais	0	3	0	2	5	3	5	0	1	3	5	0	5	5	1	5	5	2	4	3	
Concorrência com os importadores comerciais que fogem ao fisco	0	5	0	0	4	3	0	5	0	2	1	3	5	4	0	0	1	4	5	3	
Concorrência com importadores comerciais que pagam tarifas	0	2	2	0	0	1	5	0	0	2	1	1	4	5	3	0	4	3	2	0	
Outro constrangimento na cadeia de distribuição	0	0	5	3	0	0	0	5	0	2	3	0	0	0	3	0	0	2	2	3	
Dificuldades de transporte impedindo a distribuição	0	0	5	1	0	0	0	0	0	2	3	2	0	0	4	0	0	1	1	5	
Excesso de capacidade na indústria local	0	3	0	2	0	0	3	0	0	2	0	3	0	0	0	0	0	3	2	0	
B.2. Procura internacional																					
Concorrência nos preços internacionais	0	4	5	4	0	3	5	0	0	3	3	0	0	0	3	0	4	0	5	0	
Dificuldades de política no país	0	5	0	3	0	1	0	0	0	2	5	0	0	0	0	0	3	0	5	5	
Concorrência na qualidade do produto a nível internacional	0	3	3	3	0	1	0	0	0	4	5	0	0	0	0	0	1	0	4	0	
Contacto inadequado com compradores e intermediários	0	5	0	2	0	0	3	0	0	3	4	0	0	0	2	0	0	0	0	0	
Sobrevalorização da taxa de câmbios	0	3	0	3	0	0	0	0	0	2	4	0	0	0	0	0	0	0	0	5	
Custos altos de marketing internacional	0	5	3	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Limitações de quotas e tarifas das partes importadas	0	3	0	3	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	

Nota. As letras correspondem às empresas indicadas no anexo VI, primeira coluna, que serviu de base para elaboração de gráficos 2 a 5.

Tabela 10. Constrangimentos na utilização da capacidade - posição de stocks nos últimos 24 meses

Empresa	Existência de roturas		Número de quebras	Duração (Dias)	Duração nos últimos 24 meses (Dias)	Rotura de stock nos fornecedores		Nível de peso na rotura de stock		Insuficiência de capital p/compra de insumos
	Sim	Não				Rotura de stock nos fornecedores	Incremento inesperado de encomendas	Demora no desalfandamento de insumos	Insuficiência de capital p/compra de insumos	
1 (q)	X					0	0	0	0	0
2 (e)	X		3	5	12	5	2	3	3	3
3 (c)	X					0	0	0	0	0
4 (s)	X		6	3	n.c.	5	4	0	0	0
5 (a)	X					0	0	0	0	0
6 (h)	X					0	0	0	0	0
7 (m)	X					0	0	0	0	0
8 (k)	X		3	3	7	0	0	5	0	0
9 (p)	X					0	0	0	0	0
10 (i)	X					0	0	0	0	0
11 (f)	X		n.c.	n.c.	n.c.	0	5	1	3	3
12 (g)	X					0	0	0	0	0
13 (d)	X		n.c.	90	90	2	3	0	5	5
14 (l)	X		n.c.	2	10	5	3	0	1	1
15 (j)	X		3	3	18	0	0	0	3	3
16 (n)	X					0	0	0	0	0
17 (b)	X					0	0	0	0	0
18 (o)	X					0	0	0	0	0
19 (o)	X		1	1	3	0	4	5	0	0
20 (t)	X		21	21	n.c.	0	3	0	3	3
Média nível de peso na rotura de stock						0.9	1.2	0.7	0.9	
Desvio padrão da amostra						1.8	1.8	1.6	1.6	

Nota. n.c. significa "não claro".

Nota. As letras entre parênteses correspondem às empresas indicadas no anexo VI, primeira coluna, que serviu de base para elaboração de gráficos 2 a 5.

Tabela 11. Comparação de preços médios de compras locais e de importações

1	2	3		4		5		6		7		8		9 = 6-5		10 = 5/6-1
		Local	Import.	Local	Import.	Local	Import.	Compra local	Importação	Diferença (P.U.)	%					
Papel bond 80gr 010x080mm (A1)	Resma	796	1,300	838	653	667,121	848,812	-185	28.3							
Papel bond 70 gr.	Resma	155	506	754	537	116,838	271,585	-217	40.4							
Cartolina couché 200gr 640X0.15mm.	Resma	82	300	10,671	4,552	875,000	1,365,567	-6,119	134.4							
Tinta preta.	Kg	614	1,000	126	73	77,380	72,956	-53	72.7							
Chapas de alumínio 770X1030mm.	Unid.	1,115	1,800	168	102	186,837	183,835	-65	64.0							
Chapas de alumínio 637X1025mm.	Unid.	495	500	250	168	123,787	83,799	-82	49.2							
Filme de marca Kodak	Rolo	3	4	19,329	16,773	57,987	67,090	-2,557	15.2							

(10³ MT)

Tabela 12. Custos variáveis médios, preços unitários e preços unitários mínimos.

Empresa (E)	Livro (1.000 ex.)		Jornal (10.000 ex.)		Caderno (1.000.000 ex.)		Revista (2.000 ex.)	
	CVMe	PU mín.	CVMe	PU	CVMe	PU	CVMe	PU
a			a		a		a	
b			b		b		b	
c			c		c		c	
d	13,0	17,6	d		d		d	
e	14,0	22,2	e		e		e	
f	15,0	26,0	f		f		f	
g	18,0	21,1	g		g		g	
h	18,0	42,5	h		h		h	
i	20,0	64,5	i		i		i(s)	4,1
j	21,0	89,1	j		j		j(f)	4,8
k	22,0	175,0	k		k		k(e)	5,2
L	23,0	62,5	L		L(n)	2,7	L(i)	7,8
m	23,4	59,7	m		m(f)	2,7	m(g)	8,3
n	25,5	25,0	n	10,0	n(g)	3,1	n(i)	8,3
o	26,0	30,6	o	4,3	o(g)	3,3	o(i)	7,7
p	26,0	35,0	p	6,9	p(h)	3,8	p(m)	10,3
q	28,0	160,0	q	14,0	q(d)	3,8	q(n)	15,7
r	36,0	41,6	r	16,6	r(i)	5,7	r(t)	15,6
s	43,0	61,2	s	17,3	s	7,0	s(q)	18,9
t	45,0	53,0	t	20,5	t(p)	9,1	t(o)	42,7
				17,6				19,0
								7,0
								7,6
								17,2
								9,7
								12,8
								20,5
								26,7
								18,3
								18,3
								22,1
								49,9

Notas: (*) Usa estoques de matéria-prima comprada em 1974 e produz basicamente selos para os Correios de Moçambique.

- Em empresas que não consta nada, significa que não produzem este CVMe = custos variáveis médios.

PU mín. = preços unitários mínimos.

PU = preços unitários.

Tabela 1.3. Impacto de tarifas com IVA reembolsado - Livro (1.000 exemplares) - Cenário 1

Insunhos	U/M	Quantidade	Valor (10 ³ MT)			a _y	t _i	a _y (1+t _i)	a _y t _i	t _j	(1+t _j)-Σa _y (1+t _i)	1-Σa _y	TEP	s _j	s _j -Σa _y t _i	TPX
			S/Tarifas	C/Tarifas e IVA	A ₁											
Papel bond 80gr 610x860mm (A ₁)	Res.	11,0	5,366	5,685	0,2657	2,5%	0,2723	0,0066								
Cartolina 200gr	Res.	2,1	1,208	1,234	0,0577	2,5%	0,0591	0,0014								
Tintas	Kg	2,0	465	475	0,0222	2,5%	0,0228	0,0006								
Chapas de alumínio	Unid.	12,7	1,830	1,948	0,0874	7,5%	0,0939	0,0066								
Filme	Rolo	6,7	587	712	0,0280	25,0%	0,0350	0,0070								
Linha	Unid.	1,3	272	330	0,0130	25,0%	0,0162	0,0032								
Revelador	Unid.	4,0	455	484	0,0217	7,5%	0,0233	0,0016								
Corrector	Unid.	1,0	129	157	0,0062	25,0%	0,0077	0,0015								
Cola	Kg	4,0	372	395	0,0177	7,5%	0,0191	0,0013								
Papel vegetal	Fol.	4,3	610	741	0,0291	25,0%	0,0364	0,0073								
Percalina	M	10,7	386	410	0,0184	7,5%	0,0198	0,0014								
Arume	M	2,0	803	855	0,0383	7,5%	0,0412	0,0029								
Consumo Intermediário			12,683	13,426												
Valor acrescentado			8,267	7,524												
Valor do produto			20,950	20,950												
Margens de comercialização			35,9%	35,9%												
					0,6054		0,6469	0,0415	0,0%	0,3531	0,3946	-10,5%	0,0%	-4,1%	-10,5%	

Descrição: 160 págs, contendo 1 cor; formato 14,8X21cm (A₃); papel bond de 80 gr; cartolina de 200 gr.; caps litografada a 2 cores.

TEP = taxa efectiva de protecção;

TPX = taxa para promoção de exportações;

a_y = x_y/β;

Exemplo: Papel bond 80gr 610x860mm (A₁)

$$TEP = \{[(1 + t_j) \cdot \Sigma a_y (1 + t_i)] / (1 - \Sigma a_y)\} - 1,0$$

$$TPX = (s_j - \Sigma a_y t_i) / (1 - \Sigma a_y)$$

= 0,2657

= -10,5%

= -10,5%

Tabela 1.4. Impacto de tarifas com IVA não reembolsado - Livro (1.000 exemplares) - Cenário 2

Insunhos	U/M	Quantidade	Valor (10 ³ MT)			a _y	t _i	a _y (1+t _i)	a _y t _i	t _j	(1+t _j)-Σa _y (1+t _i)	1-Σa _y	TEP	s _j	s _j -Σa _y t _i	TPX
			S/Tarifas	C/Tarifas e IVA	A ₁											
Papel bond 80gr 610x860mm (A ₁)	Res.	11,0	5,366	5,685	0,2657	18,9%	0,3186	0,0529								
Cartolina 200gr	Res.	2,1	1,208	1,234	0,0577	19,9%	0,0692	0,0115								
Tintas	Kg	2,0	465	475	0,0222	19,9%	0,0266	0,0044								
Chapas de alumínio	Unid.	12,7	1,830	1,948	0,0874	25,8%	0,1099	0,0225								
Filme	Rolo	6,7	587	712	0,0280	46,3%	0,0410	0,0130								
Linha	Unid.	1,3	272	330	0,0130	46,3%	0,0190	0,0060								
Revelador	Unid.	4,0	455	484	0,0217	25,8%	0,0273	0,0036								
Corrector	Unid.	1,0	129	157	0,0062	46,3%	0,0090	0,0029								
Cola	Kg	4,0	372	395	0,0177	25,8%	0,0223	0,0046								
Papel vegetal	Fol.	4,3	610	741	0,0291	46,3%	0,0426	0,0135								
Percalina	M	10,7	386	410	0,0184	25,8%	0,0231	0,0047								
Arume	M	2,0	803	855	0,0383	25,8%	0,0482	0,0099								
Consumo Intermediário			12,683	13,426												
Valor acrescentado			8,267	7,524												
Valor do produto			20,950	20,950												
Margens de comercialização			35,9%	35,9%												
					0,6054		0,7568	0,1514	0,0%	0,2432	0,3946	-38,4%	0,0%	-15,1%	-38,4%	

Nota: t_j = t_i + 0,17* (1 + t_i), porque o IVA recaí sobre todos os custos de transacção incluindo as tarifas alfandegárias.

Tabela 15. Impacto de tarifas com IVA reembolsado - Jornal (10.000 exemplares) - Cenário 1

Insumos	UIM	Quantidade	Valor (10 ³ MT)		a _j	f _j	a _j (1+t _j)	a _j t _j	1 - Σa _j	TEP	s _j	s _j - Σa _j t _j	TPX		
			S/Tarifas	C/Tarifas e IVA											
Papel bond 70gr (papel jornal)	Res.	60,0	29.289	29.915	0,5230	2,5%	0,5361	0,0131							
Tintas	Kg	10,0	2.510	2.564	0,0448	2,5%	0,0460	0,0011							
Chapas de alumínio	Unid.	13,0	2.731	2.906	0,0488	7,5%	0,0524	0,0037							
Revelador	Unid.	5,5	643	684	0,0115	7,5%	0,0123	0,0009							
Corrector	Unid.	1,0	158	192	0,0028	25,0%	0,0035	0,0007							
Papel vegetal	Folha	5,5	810	983	0,0145	25,0%	0,0181	0,0036							
Petróleo	L	2,5	16	17	0,0003	7,5%	0,0003	0,0000							
Consumo intermediário			36.157	37.261											
Valor acrescentado			19.843	18.739											
Valor do produto			56.000	56.000											
Margens de comercialização				50,3%					0,6457	0,3563	0,3543	0,5%	0,0%	-2,3%	-4,5%

Descrição: 16 pág.; formato 42x59,4cm (A3); papel bond de 70 gr.; litografia a 2 cores.

Tabela 16. Impacto de tarifas com IVA não reembolsado - Jornal (10.000 exemplares) - Cenário 2

Insumos	UIM	Quantidade	Valor (10 ³ MT)		a _j	f _j	a _j (1+t _j)	a _j t _j	1 - Σa _j	TEP	s _j	s _j - Σa _j t _j	TPX		
			S/Tarifas	C/Tarifas e IVA											
Papel bond 70gr (papel jornal)	Res.	60	28.289	29.915	0,5230	19,9%	0,6272	0,1042							
Tintas	Kg	10	2.510	2.564	0,0448	19,9%	0,0538	0,0089							
Chapas de alumínio	Unid.	13	2.731	2.906	0,0488	25,8%	0,0613	0,0126							
Revelador	Unid.	6	643	684	0,0115	25,8%	0,0144	0,0030							
Corrector	Unid.	1	158	192	0,0028	46,3%	0,0041	0,0013							
Papel vegetal	Folha	6	810	983	0,0145	46,3%	0,0212	0,0067							
Petróleo	L	3	16	17	0,0003	25,8%	0,0004	0,0001							
Consumo intermediário			36.157	37.261											
Valor acrescentado			19.843	18.739											
Valor do produto			56.000	56.000											
Margens de comercialização				50,3%					0,6457	0,2426	0,3543	-31,4%	0,0%	-13,7%	-38,6%

Descrição: 16 pág.; formato 42x59,4cm (A3); papel bond de 70 gr.; litografia a 2 cores.

Nota: t_j = t_j + 0,17* (1 + t_j)

Tabela 17. Impacto de tarifas com IVA reembolsado - Caderno (1.000.000 exemplares) - Cenário 1

Insumos	UM	Quantidade	Valor (10 ⁶ MT)		s _y	t _i	a _y (1+t _i)	a _y t _i	1 - Σa _y t _i	1 - Σa _y t _i	s _j	s _j - Σa _y t _i	TPX
			S/Tarifas	C/Tarifas e IVA									
Papel bond 70gr (papel jora)	Res.	4,673.3	2,283,487	2,332,279	0,6441	2,5%	0,6602	0,0161					
Cartolina 200gr	Res.	878,3	252,085	257,472	0,0711	2,5%	0,0729	0,0018					
Tintas	Kg	12,7	2,798	2,858	0,0008	2,5%	0,0008	0,0000					
Chapas de alumínio	Unid.	6,3	928	892	0,0003	7,5%	0,0003	0,0000					
Revelador	Unid.	1,7	225	216	0,0001	7,5%	0,0001	0,0000					
Corrector	Unid.	1,0	141	171	0,0000	25,0%	0,0000	0,0000					
Papel vegetal	Folha	13,7	12,000	14,564	0,0034	25,0%	0,0042	0,0008					
Arame	Kg	20,7	5,569	5,926	0,0016	7,5%	0,0017	0,0001					
Consumo Intermédio			2,557,232	2,614,377									
Valor acrescentado			988,101	930,956									
Valor do produto			3,545,333	3,545,333									
Margem de comercialização				35,6%					0,2598	0,2787	-4,9%	0,0%	-6,8%

Descrição: 72 pág.; capa litografada e uma cor; formato 14X21cm (A₃); papel bond de 70 gr.; cartolina de 200 gr.

Tabela 18. Impacto de tarifas com IVA não reembolsado - Caderno (1.000.000 exemplares) - Cenário 2

Insumos	UM	Quantidade	Valor (10 ⁶ MT)		s _y	t _i	a _y (1+t _i)	a _y t _i	1 - Σa _y t _i	1 - Σa _y t _i	s _j	s _j - Σa _y t _i	TPX
			S/Tarifas	C/Tarifas e IVA									
Papel bond 70gr (papel jora)	Res.	4,673.3	2,283,487	2,728,167	0,6441	19,9%	0,7724	0,1283					
Cartolina 200gr	Res.	878,3	252,085	301,242	0,0711	19,9%	0,0853	0,0142					
Tintas	Kg	12,7	2,798	3,343	0,0008	19,9%	0,0009	0,0002					
Chapas de alumínio	Unid.	6,3	928	1,043	0,0003	25,8%	0,0003	0,0001					
Revelador	Unid.	1,7	225	253	0,0001	25,8%	0,0001	0,0000					
Corrector	Unid.	1,0	141	200	0,0000	46,3%	0,0000	0,0000					
Papel vegetal	Folha	13,7	12,000	17,040	0,0034	46,3%	0,0050	0,0016					
Arame	Kg	20,7	5,569	6,933	0,0016	25,8%	0,0020	0,0004					
Consumo Intermédio			2,557,232	3,058,821									
Valor acrescentado			988,101	486,512									
Valor do produto			3,545,333	3,545,333									
Margem de comercialização				15,9%					0,1340	0,2787	-51,9%	0,0%	-51,9%

Descrição: 72 pág.; capa litografada e uma cor; formato 14X21cm (A₃); papel bond de 70 gr.; cartolina de 200 gr.

Nota: t_i = t_i + 0,17* (1 + t_i)

Tabela 19. Impacto de tarifas com IVA reembolsado - Revista (2.000 exemplares) - Cenário 1

Insumos	U/M	Quantidade	Valor (10 ³ MT)		a _y	t _i	a _y (1+t _i)	a _y t _i [*]	t _y	(1+t _y)-Σa _y (1+t _i)	1 - Σa _y	TEP	s _y	s _y - Σa _y t _i	TPX
			S/Tarifas	C/Tarifas e IVA											
Papel bond 80gr 610x860mm (A ₁)	Res.	10,0	4,548	4,649	0,3115	2,5%	0,3193	0,0078							
Cartolina 135gr	Res.	1,8	771	788	0,0528	2,5%	0,0541	0,0013							
Tintas	Kg	1,5	344	351	0,0235	2,5%	0,0241	0,0006							
Chapas de alumínio	Unid.	8,5	1,604	1,708	0,1098	7,5%	0,1181	0,0082							
Revelador	L	3,0	290	308	0,0198	7,5%	0,0213	0,0015							
Corrector	Unid.	0,8	130	130	0,0073	25,0%	0,0092	0,0018							
Papel vegetal	Folha	0,1	307	373	0,0211	25,0%	0,0263	0,0053							
Arame	Kg /m	1,3	77	93	0,0053	7,5%	0,0057	0,0004							
Consumo intermediário			8,047	8,401											
Valor acrescentado			6,553	6,199											
Valor do produto			14,600	14,600											
Margem de comercialização				73,8%											
				0,5512			0,5781	0,0288	2,6%	0,4468	0,4488	-0,4%	0,0%	-2,7%	-6,0%

Descrição: Litografia a 1 cor; capa litografada a 2 cores; formato 21X29,7cm (A₁); papel bond de 80gr; cartolina de 135gr; 64 páginas.

Tabela 20. Impacto de tarifas com IVA não reembolsado - Revista (2.000 exemplares) - Cenário 2

Insumos	U/M	Quantidade	Valor (10 ³ MT)		a _y	t _i [*]	a _y (1+t _i)	a _y t _i [*]	t _y	(1+t _y)-Σa _y (1+t _i)	1 - Σa _y	TEP	s _y	s _y - Σa _y t _i	TPX
			S/Tarifas	C/Tarifas e IVA											
Papel bond 80gr 610x860mm (A ₁)	Res.	10,0	4,548	5,439	0,3115	19,9%	0,3735	0,0621							
Cartolina 135gr	Res.	1,8	771	922	0,0528	19,9%	0,0633	0,0105							
Tintas	Kg	1,5	344	411	0,0236	19,9%	0,0282	0,0047							
Chapas de alumínio	Unid.	8,5	1,604	1,998	0,1098	25,8%	0,1381	0,0283							
Revelador	L	3,0	290	361	0,0198	25,8%	0,0249	0,0051							
Corrector	Unid.	0,8	107	152	0,0073	46,3%	0,0107	0,0034							
Papel vegetal	Folha	0,1	307	437	0,0211	46,3%	0,0308	0,0097							
Arame	Kg /m	1,3	77	109	0,0053	25,8%	0,0066	0,0014							
Consumo intermediário			8,047	9,829											
Valor acrescentado			6,553	4,771											
Valor do produto			14,600	14,600											
Margem de comercialização				48,5%											
				0,5512			0,6763	0,1252	2,6%	0,3487	0,4488	-22,3%	0,0%	-12,5%	-27,9%

Descrição: Litografia a 1 cor; capa litografada a 2 cores; formato 21X29,7cm (A₁); papel bond de 80gr; cartolina de 135gr; 64 páginas.

Nota: t_i^{*} = t_i / (1 + t_i)

Inquérito ao MIC/DNI e ao INE

Empresas Gráficas Actualmente Existentes

Indique no quadro a seguir o número de pequenas, médias e grandes empresas gráficas¹³ existentes em 1995 e em 2002 em cada província.

Província	Peq. Empresas			Médias Empresas			Grandes Empresas		Total		
	1995	2001	2002	1995	2001	2002	1995	2002	1995	2001	2002
C ^{de} Maputo											
Maputo											
Gaza											
Inhambane											
Sofala											
Manica											
Zambézia											
Tete											
Nampula											
Niassa											
Cabo-Delgado											

¹³ Actualmente, segundo informação do Ministério da Indústria e Comércio - Direcção Nacional da Indústria, a classificação dos estabelecimentos industriais obedece os critérios indicados na tabela abaixo.

Categorias	Investimento Inicial (USD)	Potência Instalada ou a Instalar (KVA)	Nº de Trabalhadores
Grandes	> 10.000.000	> 1.000	> 250
Médias	> 2.500.000	> 500	>125
Pequenas	≤ 2.500.000	≤ 500	≤ 125

Inquérito¹⁴ às Empresas Gráficas

Constrangimentos na Utilização da Capacidade

2.1. Indique os elementos da oferta e da procura que afectam a utilização da capacidade, apontando na tabela abaixo em termos de importância de cada um, variando de 0-5, (sendo "0" nada ou insignificante e o "5" extremamente importante de todos).

Constrangimentos na utilização da capacidade

0-5	
	A. Oferta
	A.1. Infra-estrutura
	Oferta irregular de energia
	Oferta irregular de água
	Custos altos de transporte
	Vias rodoviárias degradadas
	Vias ferroviárias degradadas
	A.2. Inputs
	Dificuldades em obter licenças de aquisição de matéria-prima
	Processos alfandegários morosos ou pesados
	Oferta inadequada de força-de-trabalho treinada correctamente
	Desvios de peças sobressalentes
	Capital insuficiente
	Restrições proporcionadas pela lei laboral
	Não competitivo devido a não isenção de tarifas
	Dificuldades de obtenção de câmbios (moeda externa)
	A.3. Processo
	Inabilidade de usar o turno nocturno devido à falta de transporte/segurança
	Ineficiência do processo de produção
	Fraca qualidade do produto
	Paragens frequentes da máquina
	Engarrafamento no processo de produção
	Falta de combustível
	Regulamentos ambientais
	B. Procura
	B.1. Procura local
	Concorrência com os importadores comerciais que fogem ao fisco
	Concorrência com importadores comerciais que pagam tarifas
	Outros constrangimentos na cadeia de distribuição
	Dificuldades de transporte impedindo a distribuição
	Preconceitos dos consumidores contra os produtos nacionais
	Excesso de capacidade na indústria local
	Falta de encomendas
	Outros constrangimentos, e. g., roctura de estoques dos fornecedores
	B.2. Procura internacional
	Limitações de quotas e tarifas das partes importadas
	Concorrência na qualidade do produto a nível internacional
	Concorrência nos preços internacionais
	Contacto inadequado com compradores e intermediários
	Custos altos de <i>marketing</i> internacional
	Dificuldades de política no país
	Sobrevalorização da taxa de câmbios

Fonte: Quadro adaptado com base no estudo feito por Coughlin (2001:18).

¹⁴ Inquérito elaborado com base no estudo de Coughlin (2001) sobre a indústria têxtil em Moçambique e na SADC.

2.1.1. Quais são os três factores de maior importância? Coloque o grupo e a alínea a que corresponde tal factor a frente dos números abaixo em ordem de importância.

1 _____ 2 _____ 3 _____

2.2. Indique na tabela abaixo o tempo de funcionamento potencial e actual da fábrica.

	Tempo de Funcionamento	
	Máximo	Actual
Por semana		
Por dia		

2.3. Quantos turnos existem na fábrica, por dia?

2.4. Se estiver organizado em turnos, indique no quadro a seguir o número de horas de funcionamento diário na produção por cada turno.

Turnos	Horas/Dia
1º	
2º	
3º	
4º	

2.5. Qual é o tempo ocupado na fábrica, por dia, durante os intervalos?

2.6. Durante o intervalo será que as máquinas param ou os operários permutam-se?

2.7. Indique no quadro a seguir o número de dias de trabalho na produção.

Turnos	Dias de trabalho/semana
1º	
2º	
3º	
4º	

2.8. Como é que procede as férias na fábrica?

Colectivas _____. Em que período? _____.

Não colectivas? _____. Quantos dias? _____.

2.9. Se aumentarem muito as encomendas, qual seria a percentagem de aumento da produção, **mantendo a mesma tecnologia, equipamento, pessoal, horas e turnos?** _____ %.

2.9.1. Usando a **mesma** maquinaria, **horas e turnos**, qual seria a percentagem de aumento da produção, assumindo-se que as encomendas aumentem muito e **mais** mão-de-obra seja disponível? _____ %.

2.10. Preencha o quadro abaixo.

	Nº	Horas	Dias
1 Número total de trabalhadores			
Número de trabalhadores afectos na administração			
Número de trabalhadores afectos na produção em cada turno			
1º turno			
2º turno			
3º turno			
4º turno			

2.10.1. Qual é o número máximo de horas que a fábrica pode funcionar se houver muita procura?

Por dia _____ .

Por semana _____ .

2.11. Tem havido roturas de *stocks* nos últimos 24 meses? Coloque um X em cada afirmação.

Sim ____ . Não ____ .

2.11.1. Se sim:

Quantas quebras? _____ .

Qual foi a duração total em dias de roturas de *stocks*? _____ .

Qual foi a duração total de roturas de *stocks* nos últimos 24 meses?
_____ .

2.11.1.1. Quais foram as causas de roturas de *stocks*? Indique o peso de cada caso na escala de 0 - 5, sendo "0" sem nenhum peso e "5" de peso máximo.

Dificuldades dos fornecedores de matéria-prima _____ .

Incremento inesperado de encomendas _____ .

Demora no desfandegamento de matéria-prima e doutros insumos _____ .

Insuficiência de capital para a aquisição de matéria-prima e doutros materiais
_____ .

2.11.1.2. Quais foram as implicações e a sua importância? Indique o peso de cada caso na escala de 0 – 5 sendo “0” sem nenhum peso e “5” de peso muito significativo.

0 – 5	Descrição
	Atraso na entrega de encomendas
	Avarias de maquinaria por causa da falta de manutenção
	Perca de actuais ou futuros clients
	Desistência de encomendas

3. Impacto do Regime Fiscal Alfandegário na Capacidade desta Indústria para os Mercados Local e Externo

3.1. Indique nas tabelas a seguir o preço ao cliente e a matéria-prima a ser usada para produção de:

(a área sombreada não é para a empresa preencher).

1. Livro (1.000 exemplares)

(10³MT)

Produto	U/M	Quant.	Preço unitário	Total s/IVA	Total c/IVA
Papel bond 80gr	Resma				
Cartolina 200gr	Resma				
Tintas	Kg				
Chapas de alumínio	Unidade				
Linha	Rolo				
Filme	Unidade				
Revelador	Unidade				
Correctores	Unidade				
Cola	Kg				
Papel Vegetal	Resma				
Percalina ¹⁵	Rolo				
Outros materiais					
Total-Global					
Preço unitário do produto final					

Descrição: 160 páginas contendo uma côr; cosidos a linha; capa litografada a 2 cores; formato 14,8X21cm (A₅); papel bond de 80 gramas; cartolina de 200 gramas.

¹⁵ Percalina é napa fina que é usada para encadernação de livros.

2. Revista (2.000 exemplares)

(10³MT)

Produto	U/M	Quant.	Preço unitário	Total s/IVA	Total c/IVA
Papel bond 80gr	Resma				
Cartolina 135gr	Resma				
Tintas	Kg				
Chapas de alumínio	Unidade				
Arame	Kg				
Papel Vegetal	Resma				
Revelador	Unidade				
Correctores	Unidade				
Cola	Kg				
Outros materiais					
Total-Global					
Preço unitário do produto final					

Descrição: Litografia a 1 cor; capa litografada a 2 cores; formato 21X29,7cm (A₄); cartolina de 135 gramas; papel bond de 80 gramas. 64 páginas.

3. Jornal (10.000 exemplares)

(10³MT)

Produto	U/M	Quant.	Preço unitário	Total s/IVA	Total c/IVA
Papel bond 70gr	Resma				
Tintas	Kg				
Chapas de alumínio	Unidade				
Papel Vegetal	Resma				
Revelador	Unidade				
Correctores	Unidade				
Outros materiais					
Total-Global					
Preço unitário do produto final					

Descrição: 16 páginas; litografia a 2 cores; formato 42X59,4cm (A₂); papel bond de 70 gramas.

4. Caderno (1.000.000 exemplares)

(10³MT)

Produto	U/M	Quant.	Preço unitário	Total s/IVA	Total c/IVA
Papel bond 70gr	Resma				
Cartolina 200gr	Resma				
Tintas	Kg				
Chapas de alumínio	Unidade				
Arame	Kg				
Papel Vegetal	Resma				
Revelador	Unidade				
Correctores	Unidade				
Outros materiais					
Total-Global					
Preço unitário do produto final					

Descrição: 72 páginas; capa litografada a 1 cor; formato 14X21cm (A₅); cartolina 200gr; papel bond de 70 gramas.

3.2. Indique na tabela a seguir os custos de energia e vendas totais durante o ano de 2002.

(10³MT)

	Custos de energia	Vendas totais
2002		

4. Motivos que Desencorajam as Fábricas Importarem Directamente os Insumos e os Outros Materiais

4.1. Indique na tabela a seguir a data de importação, as quantidades actualmente importadas, a moeda da compra, os valores de c.i.f., taxas de desalfandegamento, preço local s/IVA e c/IVA, respeitantes a de papel, cartolina, tintas, chapas de alumínio e filme para a produção, em compras recebidas nos últimos seis meses. (A área sombreada não é para a empresa preencher).

Importações feitas

Produto	U/M	Data de import. ou compra	Quant. actual. Importada	Moeda da compra	CIF		Taxa de desalf.	Preço local		Total
					USD	Rand		S/IVA	C/IVA	
Papel bond 80gr	Resma									
Papel bond 70gr	Resma									
Cartolina couché 200gr 640X0.15mm	Resma									
Tinta preta	Kg									
Tinta magenta	Kg									
Chapas de alumínio 770X1030mm	Unid.									
Filme de marca Kodak	Unid.									

4.2. Indique na tabela a seguir a data de importação, as quantidades actualmente importadas, a moeda da compra, os valores de c.i.f., taxas de desalfandegamento, preço local s/IVA e c/IVA, respeitantes a de papel, cartolina, tintas, chapas de alumínio e filme para a produção, em facturas pró-formas recebidas nos últimos seis meses. (A área sombreada não é para a empresa preencher).

Importações cujos valores foram apurados somente em facturas pró-formas

Produto	U/M	Data de import. ou compra	Quant. actual. Importada	Moeda da compra	CIF		Taxa de desalf.	Preço local		Total
					USD	Rand		S/IVA	C/IVA	
Papel bond 80gr	Resma									
Papel bond 70gr	Resma									
Cartolina couché 200gr 640X0.15mm	Resma									
Tinta preta	Kg									
Tinta magenta	Kg									
Chapas de alumínio 770X1030mm	Unid.									
Filme de marca Kodak	Unid.									

4.3. Indique na tabela a seguir a data de compra do produto, quantidade actualmente comprada, custo do produto, custo de transporte e outros custos. (A área sombreada não é para a empresa preencher).

Compras locais

(10³MT)

Produto	U/M	Data de compra	Quant. actual. comprada	Custo do produto	Custo de transporte	Outros custos	Preço local		Total
							S/IVA	C/IVA	
Papel bond 80gr	Resma								
Papel bond 70gr	Resma								
Cartolina couché 200gr 640X0,15mm	Resma								
Tinta preta	Kg								
Tinta magenta	Kg								
Chapas de alumínio 770X1030mm	Unid.								
Filme de marca Kodak	Unid.								

4.4. Indique o tempo que leva para desalfandegar os insumos para produção, segundo a sua experiência durante os últimos 12 meses.

Insumos	Nº de dias		
	Mínimo	Normal	Máximo
Papel			
Cartolina 200gr			
Tinta preta			
Tinta magenta			
Chapas de alumínio 770X1030mm			
Filme de marca Kodak			

4.5. Indique no quadro a seguir o nível de procedimentos dos alfandegários no desalfandegamento dos insumos e outros materiais, apontando em termos de

importância de cada um, variando de 0 – 5, (sendo "0" nada ou insignificante e o "5" extremamente importante).

0 – 5	Designação
	Rapidez no desembaraço dos insumos
	Simplicidade no desembaraço dos insumos
	Morosidade na entrega dos despachos de desembaraço de insumos
	Variações imprevisíveis no tempo de entrega de mercadoria
	Outros

4.6. Indique no quadro a seguir os dias que levam os insumos e outros materiais importados para chegar na fábrica.

Descrição	Nº de dias que levam para chegar na fábrica		
	Mínimo	Normal	Máximo
Insumos e outros materiais importados			

4.7. Se os insumos e outros materiais importados são inspeccionados ao chegar em Moçambique, qual é a taxa de inspecção que a fábrica paga à Alfândega? _____%.

4.8. Para si, quais são as vantagens e desvantagens de inspeccionamento alfandegário de insumos e outros materiais importados?

a) *Vantagens:*

b) *Desvantagens:*

4.9. Quais são os custos extras que a fábrica tem incorrido devido à burocracia nas alfândegas? Indique o peso de cada caso na escala de 0 – 5, sendo "0" sem nenhum peso e "5" de peso máximo.

0 - 5	Descrição
	Anulação de contratos de encomendas
	Desistência de encomendas
	Juros de mora

Referências

- Balassa, B. 1972. *Estrutura de la Protección en Países en Desarrollo*. Durango: Gráfica Panamericana.
- Bautista, R. 1981. *Capital Utilization in Manufacturing*. Colômbia, Israel, Malasia, and the Philipines. New York: Oxford Univ. Press.
- Castel-Branco, C. 1994. *Moçambique Perspectivas Económicas*. Maputo. Universidade Eduardo Mondlane.
- Coughlin, P. 2001. *Mozambique – SADC Study of the Textile and Garment Industries*. Maputo.
- Dias, R. 1954. *Quatro Centenários em Moçambique, 1854-1954*, 2ª ed. Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique.
- Kindleberger, C. 1974. *Economia Internacional*, 3ª ed. São Paulo: Mestre Jou.
- Krugman, P. e Obstfeld, M. 2001. *Economia Internacional, Teoria e Política*. Quinta Edição. São Paulo: Makron Books.
- Marchetti, A. 1973. *Impressor Tipográfico*, vol.II. Edições Salesianas. Porto.
- Moçambique. 1962. Portaria Ministerial nº 18381. Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique.
- _____. 1971. *Estatísticas Industriais*. Direcção Provincial dos Serviços de Estatística/INE- Delegação de Moçambique. Maputo.
- _____. 1972. *Regulamento Gremial do Exercício da Actividade Comercial das Indústrias Gráficas*. Lourenço Marques: Tipografia Spanos.
- _____. 1975. *Decreto-Lei nº 16/75*. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique.
- _____. 1978. *Gabinete de Indústria Gráfica e Fotografia*. Tipografia-Litografia Globo. Maputo.
- _____. 1984. *1975-1984. Informação Estatística/INE*. Maputo.
- _____. 1989. *Informação Estatística/INE*. Maputo.
- _____. 1990. *Informação Estatística/INE*. Maputo.
- _____. 1992. *Anuário Estatístico/INE*. Maputo.
- _____. 1997. *Resolução nº 23/97*. Imprensa Nacional. Maputo.
- _____. 1998. *Decreto nº 51/98*. Imprensa Nacional. Maputo.
- _____. 2000. *Anuário Estatístico/INE*. Maputo.
- _____. 2002. *Decreto nº 39/2002*. Imprensa Nacional. Maputo.
- _____. 2003. *Diploma Ministerial nº 99/2003*. Imprensa Nacional. Maputo.

Salvatore, Dominick. 1995. *International Economics*, 5ª ed. Printice-Hall, Inc. United State of America.

Sousa, A. 1988. *Análise Económica*. 2ª ed., Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.

Steel, F. 1989. Domestic Resource Cost and Effective Protection. In: Maise, C. and Steel, W. 1989. *Industrial Adjustment in Sub-Saharan Africa*. Washington, DC: Oxford University Press.

Unidade de Direcção de Indústria Gráfica. 1988. *Agenda: 50 Anos de Artes Gráficas*. Maputo: EMOL.

Vilela, A. 1978. *Cartilha de Artes Gráficas*. Braga: Ed. STGRAMINHO.

Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, (circa 1980), Volume 9. Lisboa: editorial VERBO.

